

TULIO CARIELLO

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

HISTÓRICO,
TENDÊNCIAS E
DESAFIOS GLOBAIS
(2007-2020)

PATROCÍNIO:



Mensagem do Patrocinador

Conhecimento mútuo é a base para o aprofundamento da relação Brasil-China

O amadurecimento das relações entre Brasil e China abre uma nova fase de oportunidades e, ao mesmo tempo, de desafios. A ampliação das trocas entre os dois países – para além da agenda econômica do comércio e dos investimentos, chegando a outras esferas como tecnologia, saúde e sustentabilidade – só é possível por meio do aprofundamento do conhecimento, que precisa acontecer mutuamente.

O presente estudo do CEBC é mais um passo importante nesse processo de conhecimento, ao consolidar e atualizar os dados sobre investimentos chineses no Brasil no período de 2007 a 2020. Com informações inéditas sobre o último biênio, ele capturou parte do período em que o mundo se deparou com o desafio da pandemia, que levou a uma queda do montante investido em 2020, depois da expansão de 2019. Ao catalogar esses aportes, o relatório dá detalhes das operações e fornece pistas importantes da agenda que ainda temos para construir, com base no relacionamento já estabelecido.

Os desafios do contexto político e econômico por si só já são oportunidades para os dois países, que buscam crescimento econômico com ganhos de produtividade e inclusão social, em uma conjuntura internacional complexa. Do lado chinês, a demanda por ativos no mundo ganhou tração nos últimos anos por motivações diversas: busca de novos mercados, aquisição de tecnologia, garantia de fornecimento seguro de insumos, diversificação de parceiros, projetos de infraestrutura (*Belt and Road Initiative*), entre outras. Mais recentemente, a imposição de restrições por diversos países a investimentos chineses, o maior controle da internacionalização das empresas chinesas pelas autoridades de Pequim e, posteriormente, a pandemia afetaram as iniciativas chinesas mundo afora, ao mesmo tempo em que o país se manteve como importante receptor de inversões globais.

Nesse contexto, a magnitude, a diversidade e o potencial da economia brasileira continuam a ser atrativos importantes para a China. Há uma agenda complementar entre os dois países, que passa pelas relações comerciais – ainda concentradas em *commodities* –, pelo nosso mercado consumidor e pelo potencial de infraestrutura e logística. Em adição, parcerias nos segmentos de meio ambiente e tecnologia têm sido benéficas para os dois países e estão apenas começando. De fato, essas duas frentes são os pilares destacados no 14º Plano Quinquenal, divulgado pela China no início deste ano.

O Bradesco entende essas oportunidades e esses desafios e se coloca presente dos dois lados. Nossa missão é ser o meio para que empresas brasileiras ampliem seus negócios com as chinesas. Ao mesmo tempo, estamos presentes na Ásia para facilitar a entrada e as operações das empresas chinesas no Brasil. Nossa motivação é fazer com que o amadurecimento da relação bilateral mantenha uma agenda de diálogo constante, na qual interesses como inovação, tecnologia e sustentabilidade garantam parcerias de longo prazo, favorecendo ganhos de produtividade e gerando benefícios sociais aos dois países.

Fabiana D'Atri

Economista Coordenadora do Departamento
de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco



Objetivo do estudo

Esta publicação oferece um panorama geral dos investimentos da China continental no Brasil entre 2007 e 2020, com foco no último biênio. São explorados detalhes sobre o estoque e o fluxo desses aportes, sua distribuição setorial e geográfica, a participação do governo central nos investimentos e o modo de ingresso das empresas chinesas no Brasil. Para contextualizar a posição do Brasil em relação a outros países, é apresentada ao final do estudo uma análise dos investimentos chineses no mundo, com ênfase nas transformações do processo de extroversão das empresas chinesas entre os anos 2000 e 2020.

AUTOR:



Tulio Cariello

Diretor de Conteúdo e Pesquisa do Conselho Empresarial Brasil-China

AGRADECIMENTOS:

O autor agradece especialmente à Cláudia Trevisan pelas sugestões e revisão do estudo.

A Luiz Augusto de Castro Neves, pelos comentários a uma versão preliminar da publicação, e Camila Amigo, pela ajuda técnica na checagem de informações e referências bibliográficas.

A Pedro Henrique Barbosa, Reinaldo Ma, Giorgio Schutte e Enrique Dussel Peters, pelos excelentes trabalhos e informações sobre investimentos chineses no Brasil e na América Latina que deram maior consistência e embasamento ao estudo.

A Denise Dewing, Jordana Gonçalves e Juliana Alves, pelo apoio logístico e administrativo ao longo da execução desta pesquisa.

Este trabalho não necessariamente expressa opiniões ou posições do patrocinador e dos associados do CEBC.

TULIO CARIELLO

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

HISTÓRICO,
TENDÊNCIAS E
DESAFIOS GLOBAIS
(2007-2020)

PATROCÍNIO:





Fundado em 2004, o Conselho Empresarial Brasil-China é uma instituição bilateral sem fins lucrativos formada por duas seções independentes, uma no Brasil e outra na China, e dedicada à promoção do diálogo entre empresas dos dois países.

O CEBC concentra sua atuação nos temas estruturais do relacionamento bilateral sino-brasileiro, com o objetivo de aperfeiçoar o ambiente de comércio e investimento entre os países.

As seções do CEBC têm autonomia completa e pautam sua atuação de acordo com os interesses de seus associados, mantendo intensa cooperação para o fomento do comércio e de investimentos mútuos. A seção chinesa, sediada em Pequim, tem suas atividades coordenadas e supervisionadas pelo Ministério do Comércio da China (MOFCOM) e integra a estrutura do Conselho para Promoção de Investimento Internacional da China (CCIIP).

O CEBC foi, em 2015, reconhecido oficialmente, no Plano de Ação Conjunta assinado entre o Brasil e a China, como o principal interlocutor dos governos na promoção das relações empresariais entre os dois países. Em 2019, no âmbito da Quinta Reunião Plenária da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN), presidida pelos vice-presidentes do Brasil e da China, as partes reconheceram novamente o papel relevante desempenhado pelo CEBC como canal de comunicação com a comunidade empresarial.

SEÇÃO BRASILEIRA DO CIBC

PRESIDENTE

Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

PRESIDENTE EMÉRITO

Embaixador Sergio Amaral

VICE-PRESIDENTES

Grazielle Parenti

Vice-Presidente Global de Relações Institucionais, Reputação e Sustentabilidade da BRF e Diretora Presidente do Instituto BRF

José Leandro Borges

Diretor do Bradesco

Marcio Senne de Moraes

Diretor de Relações Externas da Vale

DIRETORES

Flavio Deganutti

Diretor Executivo da Klabin

Gustavo Rabello

Sócio do TozziniFreire Advogados

Jaime Oliveira

Diretor de Assuntos Públicos, Ciência e Sustentabilidade da Bayer no Brasil

Jayne Pinto Junior

Diretor de Comércio Exterior do Banco do Brasil

José Serrador Neto

Vice-presidente de Relações Institucionais da Embraer

Lígia Dutra

Diretora de Relações Internacionais da CNA

Luciana Nicola Schneider

Superintendente de Relações Institucionais, Sustentabilidade e Negócios Inclusivos do Itaú Unibanco

Pablo Machado

Diretor Executivo de China & Sustentabilidade da Suzano

Pedro Aguiar de Freitas

Sócio do Veirano Advogados

Roberto Amadeu Milani

Vice-Presidente da Comexport

DIRETORA DE ECONOMIA

Fabiana D'Atri

Economista Coordenadora do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco

COMITÊ CONSULTIVO

Embaixador Marcos Caramuru de Paiva

Embaixador Paulo Estivallet

Embaixador Sergio Amaral

Ivan Ramalho

Jorge Arbache

Luiz Fernando Furlan

Marcos Jank

Octávio de Barros

Renato Baumann

Tatiana Rosito

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretora Executiva

Cláudia Trevisan

claudia.trevisan@cebc.org.br

Diretor de Conteúdo e Pesquisa

Tulio Cariello

tulio.cariello@cebc.org.br

Analista de Eventos

Denise Dewing

denise.dewing@cebc.org.br

Administração

Jordana Gonçalves

jordana.goncalves@cebc.org.br

Auxiliar Administrativo

Juliana Alves

juliana.alves@cebc.org.br

Assistente de Pesquisa

Camila Amigo

camila.amigo@cebc.org.br

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO

10

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL ENTRE 2007 E 2020

13

Do crescimento comercial à
entrada dos investimentos
chineses no Brasil 14

Análise setorial dos investimentos
anunciados e confirmados: as
transformações do interesse
chinês 21

Análise setorial dos investimentos
confirmados: concentração e
diversificação 22

Análise geográfica: a dispersão dos
investimentos chineses pelo Brasil 27

Forma de ingresso: aquisições e
novos investimentos 31

Os investimentos das estatais
centrais chinesas 33

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL EM 2019

37

O pragmatismo contra a
retórica 38

A perda de diversificação
setorial 39

A vez do Nordeste 43

As aquisições e o setor
elétrico 45

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL EM 2020

46

Uma nova realidade em meio
à pandemia 47

O ano do setor elétrico 48

De volta ao Sudeste 51

A EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO MUNDO

52

A extroversão das empresas
chinesas 54

Os desafios globais e
a desaceleração dos
investimentos externos 56

A pandemia e o
redirecionamento dos
investimentos chineses 62

CONCLUSÃO **65**

**METODOLOGIA
REVISADA** **67**

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS** **69**

Sumário Executivo

Nos últimos 14 anos, a China se consolidou como um dos principais investidores estrangeiros no Brasil, com um estoque que alcançou US\$ 66,1 bilhões em 2020. Ao longo desse período, houve mudanças no perfil de empreendimentos que atraíram o interesse de empresas chinesas e oscilações no valor dos investimentos em razão de políticas domésticas adotadas por Pequim ou de turbulências no cenário internacional. O presente relatório atualiza os dados do período 2007-2020 e apresenta pela primeira vez os resultados dos anos 2019 e 2020.

As principais conclusões deste estudo são:

- **Entre 2007 e 2020**, empresas chinesas efetivaram **176 empreendimentos no Brasil, com aportes que somam US\$ 66,1 bilhões**. Houve ainda 64 projetos não concretizados, com valor estimado em US\$ 44,5 bilhões.
- **Até 2020**, o Brasil recebeu 47% dos investimentos chineses na América do Sul.
- 48% do **valor do estoque dos investimentos confirmados entre 2007 e 2020** foram direcionados ao setor de energia elétrica – no qual há presença marcante de gigantes como State Grid e China Three Gorges –, seguido por extração de petróleo e gás (28%), extração de minerais metálicos (7%), indústria manufatureira (6%), obras de infraestrutura (5%), agricultura, pecuária e serviços relacionados (3%) e atividades de serviços financeiros (2%). Os 2% restantes foram direcionados a segmentos com participação individual inferior a 2%.
- State Grid e China Three Gorges têm a maioria de seus ativos no exterior localizados no Brasil, com fatias de 48% e 60%, respectivamente.
- Em **número de projetos confirmados entre 2007 e 2020**, o setor de eletricidade segue na liderança, com 31% do total, mas há um aumento considerável da participação da indústria manufatureira, que fica em segundo lugar, com 28%. Sob essa ótica, aumentam também as participações de projetos em tecnologia da informação (7%), agricultura (7%) e serviços financeiros (6%).
- Em pouco mais de dez anos, empresas chinesas investiram em todas as regiões do Brasil. Há **projetos chineses confirmados** em 23 das 27 unidades federativas do país. O estado de São Paulo lidera com 31% do **número de projetos confirmados entre 2007 e 2020**, seguido por Minas Gerais (8%), Bahia (7,1%), Rio de Janeiro (6,7%), Goiás (5,4%) e Pará (4,6%).

- 70% do **valor dos investimentos chineses confirmados entre 2007 e 2020** ingressaram no Brasil via fusões e aquisições. Investimentos *greenfield* e *joint ventures* têm fatias de 24% e 6%, respectivamente.
- Em **número de projetos confirmados entre 2007 e 2020**, há uma mudança significativa na configuração da entrada dos aportes chineses. Dos 176 empreendimentos, 48% entraram via *greenfield*, enquanto 40% foram realizados por meio de fusões e aquisições e 12% a partir de *joint ventures*.
- Estima-se que 34,5 mil empregos foram criados no Brasil entre **2003 e 2020** por conta da entrada de novos projetos chineses (*greenfield*), ao mesmo tempo que as aquisições de ativos já existentes mantiveram 140,4 mil postos de trabalho no país.
- Há 16 estatais centrais chinesas com **investimentos confirmados** no Brasil. São empresas estratégicas para o governo chinês e subordinadas ao Conselho de Estado, uma das mais altas instâncias do aparato político do país asiático. Essas estatais centrais respondem por 82% do **valor do estoque** de investimentos chineses no país e por 39% do **número de projetos**. Esse alto percentual é explicado pela forte presença de investimentos nos setores de energia elétrica e extração de petróleo.
- Em **2019, o valor dos investimentos chineses confirmados** no Brasil cresceu 117%, tendo somado US\$ 7,3 bilhões, apesar da queda de 8,2% nos investimentos diretos da China em todo o mundo no mesmo período. A elevação seguiu a tendência dos investimentos estrangeiros como um todo no Brasil, que tiveram alta de 20% no mesmo ano.
- Desses US\$ 7,3 bilhões investidos pela China em **2019**, 57% foram destinados ao setor de eletricidade, seguido pelas áreas de extração de petróleo e gás (23%) e obras de infraestrutura (15%).
- A despeito do salto em valor verificado em **2019**, o **número de projetos confirmados** foi reduzido a 25, montante 22% inferior ao de 2018. Também houve menor diversidade de setores, com aportes chineses direcionados a sete segmentos, contrastando com os 12 registrados em 2018.
- Em **2019**, pela primeira vez o **Nordeste** atraiu a maioria do **número de projetos** chineses no Brasil, com participação de 34%, seguido por Sudeste (27%), Sul (15%), Norte (12%) e Centro-Oeste (12%). O Nordeste também liderou a atração de aportes em termos de **valor**, com mais da metade do capital investido naquele ano.
- Em **2020**, com uma conjuntura internacional complexa marcada por fatores como a pandemia de Covid-19, houve queda de 74% no **valor dos aportes chineses confirmados** no Brasil, que atingiram US\$ 1,9 bilhão, o menor valor registrado desde 2014. O **número de projetos** caiu para oito, 68% a menos do que em 2019.

- Esse tombo em **2020** foi sentido igualmente nos investimentos estrangeiros de forma geral no mundo e nos aportes do mundo no Brasil, que caíram 35% e 61,5%, respectivamente. Os investimentos não financeiros da China no exterior, de acordo com dados oficiais de Pequim, tiveram redução marginal de 0,4%.
- O setor de eletricidade atraiu 97% do **valor dos investimentos chineses confirmados em 2020**. Em **número de projetos**, o segmento manteve a liderança, com participação de 38%, seguido pelas áreas de serviços financeiros (25%), fabricação de aparelhos elétricos (25%) e agricultura, pecuária e serviços relacionados (13%).
- Considerando-se o **número de projetos**, os **investimentos chineses confirmados em 2020** foram direcionados ao Sudeste (78%), Norte (11%) e Nordeste (11%).
- A queda dos investimentos chineses no Brasil em **2020** não foi uma exceção à regra. Importantes receptores de aportes chineses no exterior passaram por situações semelhantes. Naquele ano, houve redução dos aportes na **União Europeia e Reino Unido** (-43%) e **Austrália** (-39%), regiões onde há quedas contínuas desde 2017. Os investimentos chineses nos **Estados Unidos** atingiram seu pico em 2016, com transações equivalentes a US\$ 48,5 bilhões, caindo desde então até 2019, quando somaram US\$ 6,3 bilhões. Em uma quebra pontual desse movimento, esses aportes cresceram 15% em 2020, atingindo US\$ 7,2 bilhões – ainda que o aumento tenha sido reflexo de um número reduzido de aquisições particularmente volumosas.
- Apesar de eventuais altos e baixos em termos numéricos, os investimentos chineses no Brasil têm muito a oferecer a qualquer projeto de desenvolvimento nacional. A China dispõe de incontestável experiência em projetos de construção civil e indústria, que por décadas estiveram entre os principais motores de sua economia. Parcerias nessas áreas poderiam contribuir para a diminuição dos gargalos de infraestrutura que emperram o crescimento brasileiro.
- O setor de eletricidade, no qual as empresas chinesas já estão bem estabelecidas, continuará a ser um importante eixo de atuação no Brasil. As áreas portuária, de transporte e logística, nas quais há projetos em andamento, poderiam ser mais bem exploradas com a atração de novos investimentos, dado o grande potencial de atuação do lado chinês e a urgência brasileira em implementar projetos nesses setores.
- Existem oportunidades de inovação na agenda bilateral que poderiam se beneficiar do crescente avanço da China nas novas fronteiras da tecnologia da informação. A entrada de investimentos chineses nessa área no Brasil ainda é um fenômeno recente e restrito a um número relativamente baixo de atores, mas oferece um grande potencial para projetos ligados a temas como inteligência artificial, economia digital, internet das coisas, redes 5G, cidades inteligentes, dentre outros.

**INVESTIMENTOS
CHINESES NO BRASIL**

HISTÓRICO,
TENDÊNCIAS E
DESAFIOS GLOBAIS

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL ENTRE 2007 E 2020



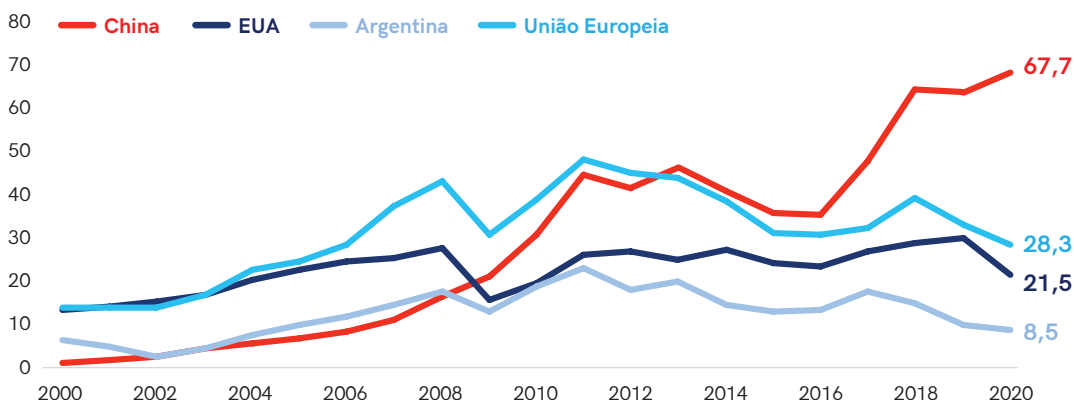
Do crescimento comercial à entrada dos investimentos chineses no Brasil

O final dos anos 2000 abriu um novo capítulo para as relações sino-brasileiras. Em 2009, após um crescimento comercial ininterrupto que perdurou por mais de uma década, o gigante asiático ultrapassou a Argentina e os Estados Unidos e tornou-se o principal destino das exportações brasileiras. Pouco tempo depois, em 2013, as vendas para a China superaram também os embarques para toda a União Europeia, o que consolidou a posição do país como principal comprador de produtos brasileiros. Essa expansão chegou ao ápice em 2020, ano marcado pela pandemia de Covid-19, quando os embarques brasileiros para a China atingiram US\$ 67,7 bilhões em 2020, o maior valor das exportações nacionais para uma única nação em toda a série histórica.

Após um crescimento comercial ininterrupto que perdurou por mais de uma década, a China ultrapassou a Argentina e os Estados Unidos em 2009 e a União Europeia em 2013 e **tornou-se o principal destino das exportações brasileiras**

GRÁFICO 1

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A CHINA E PARCEIROS COMERCIAIS SELECIONADOS (US\$ BILHÕES)



Fonte: Ministério da Economia/Comex Stat | Elaboração do autor

A China não apenas se tornou o principal parceiro comercial do Brasil, como também tem, ano após ano, aumentado sua participação na pauta de exportação nacional, tomando o lugar dos Estados Unidos e reduzindo o espaço de outros parceiros relevantes, como Argentina e países europeus.

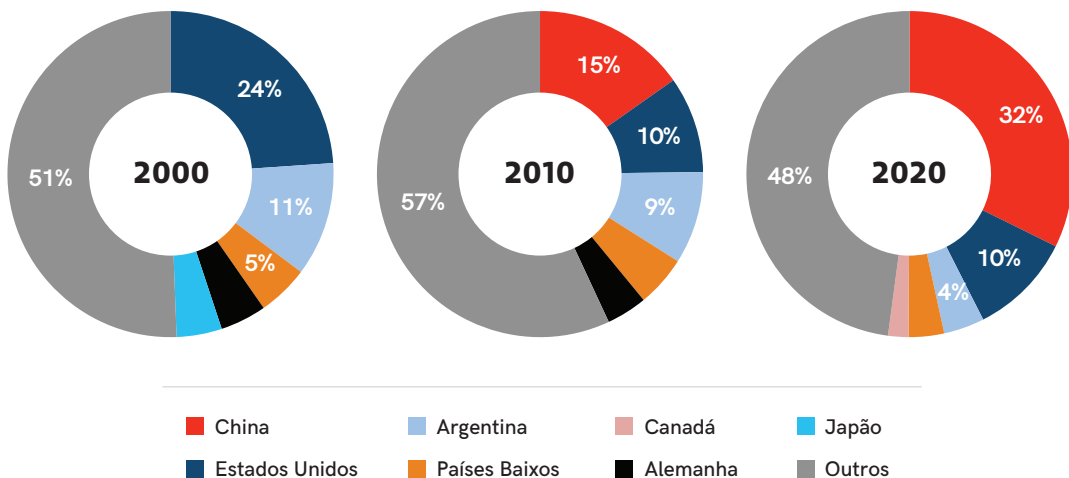
No ano 2000, a China era o 12º destino das vendas do Brasil para o exterior, com participação de aproximadamente 2% e embarques que somavam pouco mais de US\$ 1 bilhão. Naquele momento, os Estados Unidos compravam US\$ 13,1 bilhões do país, sendo o principal destino das exportações nacionais, com fatia de 24%, à frente da Argentina, segundo maior comprador, que detinha participação de 11%.

Cerca de uma década depois, as vendas para a China chegaram a US\$ 30,7 bilhões, o equivalente a 15% dos embarques, enquanto os Estados Unidos caíram para o segundo lugar e viram sua fatia despencar para 10% em 2010, com montante de US\$ 19,3 bilhões.

Em 2020, o país asiático aumentou ainda mais sua parcela nas exportações nacionais. Com quase um terço dos embarques para o mundo seguindo para portos chineses, a grande dependência brasileira em relação à China se tornou patente, enquanto os Estados Unidos retornaram à mesma participação nas vendas do Brasil para o exterior registrada dez anos antes, depois de atingir o percentual de 13% em 2019.

GRÁFICO 2

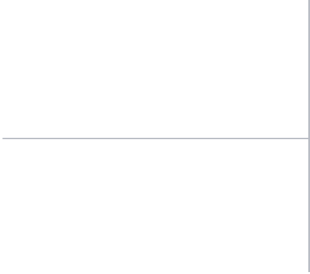
EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL (EM %, CONSIDERANDO O VALOR DOS EMBARQUES)



Fonte: Ministério da Economia/Comex Stat | Elaboração do autor

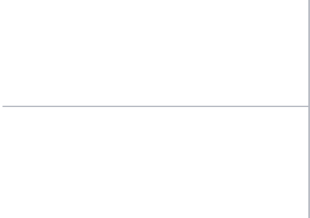
Cabe notar que, mesmo com números brutos tão chamativos, as exportações para a China são historicamente concentradas em *commodities*. Em 2020, 82% das vendas vieram de atividades da indústria extrativa e agropecuária. Soja, minério de ferro e petróleo responderam por 75% do total embarcado – quadro recorrente desde o início dos anos 2000. A resiliência da pauta de exportações e a capacidade brasileira de responder à crescente demanda chinesa indicam que a complementaridade deve seguir prevalecendo no longo prazo (ROSITO, 2020).

Foi em consonância com esse crescimento exponencial do comércio e na esteira do processo de extroversão global das empresas chinesas que o Brasil começou a ser percebido pelo país asiático não apenas como uma vasta fonte de matérias-primas, mas também como um potencial destino para novos investimentos no exterior. Sobretudo a partir de 2010, o repentino ingresso de um grande volume de empreendimentos chineses ficou evidente, com presença crescente nos mais diversos setores, como energia elétrica, mineração, infraestrutura, agricultura, indústria manufatureira e tecnologia da informação.



Foi em consonância com o crescimento exponencial do comércio bilateral e na esteira da extroversão global das empresas chinesas que **o Brasil começou a ser percebido pela China como um potencial destino para novos investimentos**

Desde o final da década de 2000, o Brasil tem sido um polo de atração de investimentos externos de forma geral, não apenas do gigante asiático. Mesmo com os diversos problemas socioeconômicos enfrentados nesse período, houve relativa estabilidade política e regulatória, fator que atraiu o interesse de diversos países. Em comparação com a China, empresas de outras regiões têm exportado capital produtivo para o Brasil há muito mais tempo, o que posiciona o país asiático como um ator recém chegado a esse universo (SCHUTTE, 2020).



O Brasil, desde o final da década de 2000, tem sido um polo de atração de investimentos externos de forma geral, não apenas da China, com forte presença da Europa e dos Estados Unidos

Considerando dados do Banco Central referentes aos investimentos diretos, até 2019 a Europa é elencada como a maior investidora imediata¹, detendo 63% do estoque, seguida pelos Estados Unidos, com participação de 17%, e da Ásia, com apenas 5%. Sob a ótica do país controlador final², o quadro geral é o mesmo, ainda que haja mudanças na participação de cada região: a Europa é posicionada em primeiro, com 51%, seguida pelos Estados Unidos, com 23%, e pela Ásia, com fatia de 11%.

Apesar disso, é importante notar que, mesmo com o contínuo aprimoramento desenvolvido pelo Banco Central em anos recentes, monitorar a origem da entrada de investimentos no Brasil continua sendo um desafio. É notório que, em certos casos, a real origem dos aportes acaba sendo mascarada por remessas financeiras trianguladas em regiões dotadas de condições fiscais mais favoráveis. A China, por exemplo, frequentemente usa instituições sediadas em Luxemburgo nessas operações (SCHUTTE, 2020).

O mesmo ocorre no caso do monitoramento do Ministério do Comércio da China - MOFCOM (2020). O ministério chinês aponta que, entre 2004 e 2018, o estoque de investimentos do país na América Latina e Caribe era de US\$ 154 bilhões – que não difere muito do número de outras instituições, como o *Global Development Policy Center*, da *Boston University*, que calcula esse montante em US\$ 140 bilhões (BARBOSA; RAY, 2020). Entretanto, os dados desagregados do MOFCOM apresentam as Ilhas Virgens Britânicas e as Ilhas Cayman como receptoras de 89% do investimento, enquanto o Brasil teria apenas 2% do total.

Por conta dessas distorções, o Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) desenvolveu sua própria metodologia³, que inclui o monitoramento diário das imprensas nacional e internacional em busca de informações sobre investimentos chineses no país, além de consultas diretas com empresas chinesas, bases de dados e estudos alternativos.

De acordo com levantamento do CEBC, entre 2007 e 2020, **empresas chinesas realizaram 176 projetos no Brasil, com aportes que somam estoque de US\$ 66,1 bilhões**

1. O investidor imediato participa diretamente no capital da empresa investida com poder de voto igual ou superior a 10%.

2. O controlador final ocupa o topo da cadeia de controle e não necessariamente coincide com o investidor imediato.

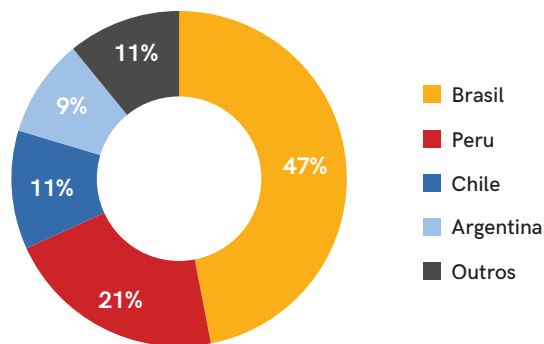
3. Para mais detalhes, ver "metodologia revisada" na página 67.

De acordo com levantamento do CEBC, entre 2007 e 2020, 130 empresas chinesas anunciaram 241 projetos no Brasil, com potencial de investimentos que chegou a US\$ 110,6 bilhões. Desse total, 176 empreendimentos foram de fato colocados em prática, com aportes que somam US\$ 66,1 bilhões. Em análise comparada, o *China Global Investment Tracker* (CGIT), que computa apenas investimentos acima de US\$ 100 milhões, estima em US\$ 60,6 bilhões o valor do estoque dos investimentos chineses no Brasil nesse período, enquanto a *Red ALC-China* e o *Monitor de la OFDI de China en América Latina y el Caribe* (2021) informam um montante de US\$ 52,6 bilhões.

Apesar de eventuais diferenças de valor, é interessante notar que, no contexto geográfico, o CGIT calcula que 47% do valor investido pela China na América do Sul até 2020 tiveram o Brasil como destino. Da mesma forma, a *Red ALC-China* aponta o país como o maior receptor desses aportes na América Latina e Caribe até 2020, com fatia de 35% do total, o que consolida o Brasil como o centro de gravidade desses investimentos na região.

GRÁFICO 3

ESTOQUE DE INVESTIMENTOS CHINESES NA AMÉRICA DO SUL ENTRE 2005 E 2020 (EM % DOS VALORES)

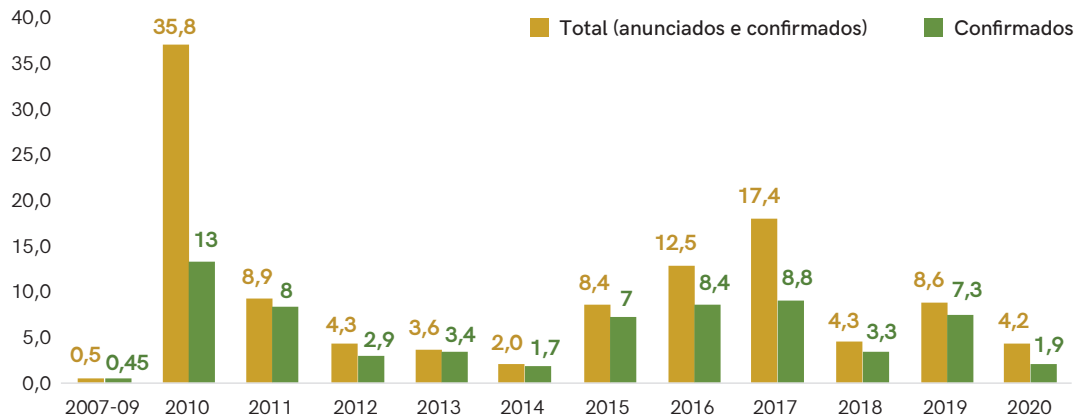


Fonte: *China Global Investment Tracker* |
Elaboração do autor

Com base nos dados do CEBC, os valores do fluxo desses investimentos mostram uma trajetória temporal irregular. Considerando os aportes confirmados, o maior valor foi registrado em 2010, quando os chineses investiram US\$ 13 bilhões no Brasil por meio de 12 projetos, marcando o ano de “descoberta” do país pelas empresas chinesas, que desde então têm mostrado interesse em diversas áreas.

GRÁFICO 4

FLUXO DE INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (US\$ BILHÕES)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Após a euforia inicial, houve quedas em termos de valor entre 2011 e 2014, seguidas de um processo de recuperação que duraria até 2017, ano em que os aportes confirmados cresceram 5% – na mão contrária à queda dos investimentos chineses no mundo naquele ano, fruto do maior controle de Pequim sobre a saída de capitais⁴. Na sequência, o valor dos empreendimentos da potência asiática no Brasil despencou 62% em 2018, seguindo a queda de 11,5% dos investimentos externos em geral em território nacional (UNCTAD, 2019). Em nova recuperação, o montante dos aportes chineses no Brasil praticamente dobrou em 2019, alcançando US\$ 7,3 bilhões – em linha com o aumento de 20% dos investimentos externos do mundo no país (UNCTAD, 2020). Em 2020, com a menor movimentação de capital entre fronteiras, o Brasil não ficou imune aos efeitos da pandemia e viu os investimentos chineses chegarem a US\$ 1,9 bilhão, o menor valor registrado desde 2014. Da mesma forma, de acordo com o Banco Central (2021), os investimentos externos como um todo no Brasil tiveram tombo de 50% naquele ano – similar à tendência apontada pela UNCTAD (2021), que registrou redução de 61,5% nesse período.

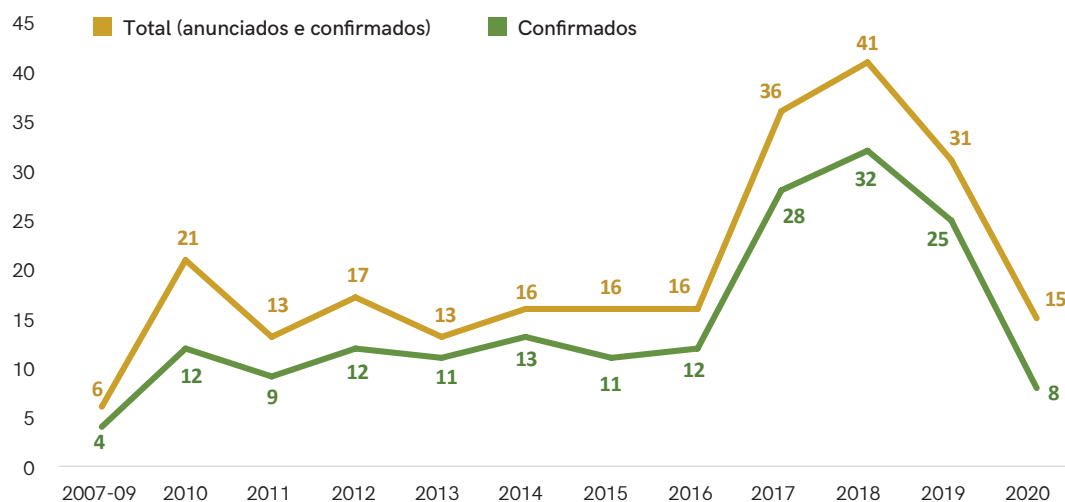
Em 2010, a China investiu US\$ 13 bilhões no Brasil, o maior valor em um só ano. Em análise por número de projetos, 2018 detém o recorde de 32 empreendimentos confirmados

4. O maior controle de Pequim sobre a saída de capitais será explicado de forma mais detalhada no capítulo "A evolução dos investimentos chineses no mundo".

Como algumas empresas chinesas não informam o valor dos investimentos, o que pode causar distorções na comparação interanual, é pertinente verificar esse fluxo em relação ao número de projetos. Entre 2010 e 2016, a variação da quantidade de empreendimentos confirmados não teve alterações significativas, com mínima de nove em 2011 e máxima de 13 em 2014. Entre 2017 e 2019 passou a haver um número maior de investimentos, com recorde de 32 em 2018. Em 2020, em linha com a queda no valor dos investimentos, o CEBC teve acesso a informações de apenas oito projetos efetivados.

GRÁFICO 5

FLUXO DE INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (NÚMERO DE PROJETOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Com a entrada desses aportes nos últimos anos, a China passou a rivalizar com importantes investidores estrangeiros no Brasil. Em uma amostra que considera a presença de Estados Unidos, China, Japão, França e Itália, a Secretaria-Executiva da Camex, do Ministério da Economia (2019), indica que o país asiático é o segundo principal investidor em termos de estoque entre 2003 e o terceiro trimestre de 2019, com fatia de 30,9%, atrás apenas dos Estados Unidos, que lideram com participação de 31,2%. Em termos de fluxo, os americanos foram, até o final da década passada, a maior fonte de investimentos externos no Brasil. A partir de 2010, os investimentos chineses ganharam importância, com rápido crescimento em termos de valor, fazendo com que EUA e China se alternassem na posição de maior investidor no país entre 2010 e 2017, segundo dados da Camex.

Análise setorial dos investimentos anunciados e confirmados: as transformações do interesse chinês

Mesmo com o fluxo irregular, é possível perceber algumas transformações no interesse do investidor chinês no país. Até 2011, **considerando a soma dos aportes anunciados e confirmados**, havia grande entusiasmo com a área de *commodities*, especialmente extração de minério, petróleo e agricultura. Ainda que algumas iniciativas nunca tenham saído do papel – como a incursão da Chongqing Grain Group na Bahia, que envolveria, dentre outros projetos, a construção de uma fábrica de esmagamento de soja –, os três setores atraíram cerca de 83% do valor investido ou prospectado naquele período.

Em 2012, apesar de a maior parte do interesse ter sido direcionada para a área de energia elétrica, que teve fatia de 48% dos investimentos anunciados e confirmados, foi notável o ganho de participação da indústria manufatureira. O setor atraiu 28% do valor dos potenciais empreendimentos, quase seis vezes mais do que entre 2007 e 2011.

Uma análise por número de projetos indica que de fato a indústria manufatureira ganhou espaço em termos de fluxo, sendo a que mais atraiu o interesse chinês entre 2011 e 2015, com fatias que variaram entre 31% e 77% anualmente. Apesar disso, cabe notar que muitos desses investimentos, essencialmente voltados ao mercado consumidor, não se concretizaram posteriormente por conta da redução da demanda doméstica causada pela crise iniciada em 2015 (ROSITO, 2020).

Mesmo com o interesse chinês na área de manufaturas, uma análise baseada no valor dos projetos indica que, a partir de 2012, os investimentos – efetivados ou não – se concentraram na área de energia elétrica, cuja participação oscilou entre 40% e 75% do valor de cada ano até 2020.

Uma análise por número de projetos anunciados e confirmados indica que **a indústria manufatureira foi a que mais atraiu o interesse dos investidores chineses entre 2011 e 2015, com fatias que variaram entre 31% e 77% anualmente**

Considerando-se o estoque, o setor elétrico atraiu 31% do valor dos investimentos anunciados e confirmados entre 2007 e 2020, sendo seguido pelas áreas de extração de petróleo e gás natural (23%), extração de minerais metálicos (11%), agricultura (9%), metalurgia (6%), fabricação de veículos automotivos (4%), fabricação de produtos químicos (4%), serviços financeiros (4%) e obras de infraestrutura (3%). Os 6% restantes incluem 14 setores com participação individual inferior a 2%⁵. Por número de projetos, no entanto, o total dos aportes na indústria manufatureira, na qual são somados os setores automotivo, eletroeletrônico, químico, de fabricação de maquinário e celulose, chegou a 32% – o mesmo valor da soma dos empreendimentos totais em energia, que incluem eletricidade e petróleo e gás.

Análise setorial dos investimentos confirmados: concentração e diversificação

Tendo como base apenas os aportes confirmados, a participação do setor elétrico é ainda mais acentuada em termos de estoque, chegando a 48% do valor investido até 2020, com atuação marcante das estatais centrais State Grid e China Three Gorges, que englobam 74% do valor de todos os investimentos nesse segmento, de acordo com cálculos do CEBC.

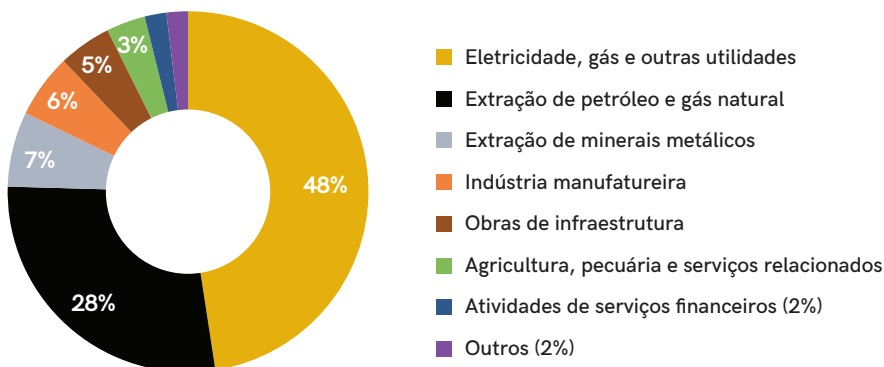
O setor de eletricidade é o que efetivamente mais atraiu a entrada de capital chinês entre 2007 e 2020, com participação de 48% do valor investido. State Grid e China Three Gorges têm a maioria de seus aportes no exterior alocados no Brasil, com fatias de 48% e 60%, respectivamente

5. Os setores com participação inferior a 2% na soma de projetos anunciados e confirmados são: telecomunicações; fabricação de máquinas e equipamentos; fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos; fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos; atividades dos serviços de tecnologia da informação; transporte aéreo; armazenamento e atividades auxiliares dos transportes; captação, distribuição e tratamento de água; atividades imobiliárias; fabricação de celulose, papel e produtos de papel; transporte terrestre; comércio varejista; manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos; e pesquisa e desenvolvimento científico.

Em linha com essa estimativa, estudo publicado pela *Boston University* estimou que o estoque de investimentos chineses em energia elétrica no Brasil chegou a US\$ 36,5 bilhões até 2019, valor próximo aos US\$ 31,4 bilhões computados pelo CEBC, com capacidade de geração de 16,736 megawatts, o equivalente a 10% do total nacional. Além disso, o estudo mostrou que State Grid e China Three Gorges tinham a maioria de seus aportes no exterior alocados no país, com fatias de 48% e 60%, respectivamente (BARBOSA, 2020). Ao mesmo tempo, a relevância para o Brasil é evidenciada pelo fato de que a China Three Gorges é a segunda maior geradora de energia elétrica com capital privado em território brasileiro (CTG, 2021).

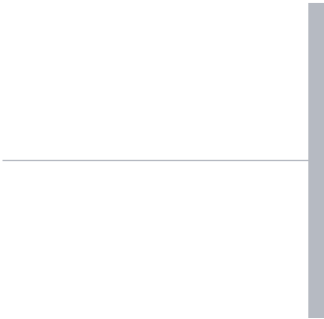
GRÁFICO 6

DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, 2007 - 2020 (VALOR DOS PROJETOS CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

O setor de extração de petróleo e gás é o segundo mais relevante em termos de valor, com participação de 28% no estoque de investimentos. Os sucessivos leilões realizados pelo governo federal atraíram algumas das maiores estatais chinesas, incluindo China Petrochemical Corporation (Sinopec), China National Petroleum Corporation (CNPC), China National Offshore Oil Corporation (CNOOC) e Sinochem Holdings Corporation (Sinochem). Não por acaso, as exportações da commodity para o país asiático crescem 180% entre 2010 e 2020, saltando de US\$ 4 bilhões para US\$ 11,3 bilhões, o que transformou o Brasil em um ator estratégico para a China nesse setor nas vias comercial e de investimentos.



O setor de extração de petróleo e gás é o segundo mais relevante em termos de valor, com participação de 28% no estoque de investimentos. Os leilões realizados pelo governo federal atraíram grandes estatais chinesas, incluindo Sinopec, CNPC, CNOOC e Sinochem

O segmento de mineração, há décadas entre os três mais relevantes nas exportações do Brasil para a China, atraiu aportes de grande envergadura na área de exploração de minerais metálicos, responsáveis por 7% do valor do estoque de investimentos confirmados no país. Entre eles, destacam-se a compra de parte da MMX pela Wuhan Iron and Steel (WISCO) e a aquisição de 15% da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) por um grupo de companhias chinesas composto por Citic Group, Anshan Iron & Steel, Baosteel, Shougang e Taiyuan Iron & Steel. A China Molybdenum Company também chegou ao país por meio da compra de ativos da Anglo American.

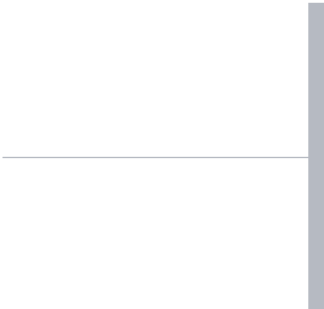


O setor de mineração atraiu 7% do valor do estoque de investimentos confirmados no país, com projetos de gigantes como China Molybdenum e Wuhan Iron and Steel

Os investimentos na indústria manufatureira têm 6% do valor dos aportes confirmados, com projetos nos segmentos automotivo, eletroeletrônico, químico e de máquinas e equipamentos. Entre 2007 e 2020, uma série de empresas chinesas aportou capital no Brasil, como BYD, TCL, Gree, Midea, Sanxing Electric, Chery, Sany, XCMG e Liugong, por meio de fábricas das mais diversas manufaturas.

Os chineses também investiram em importantes obras de infraestrutura, que respondem por 5% do valor dos projetos confirmados. Nesse setor, destacam-se os aportes das estatais China Communications Construction Company (CCCC), detentora da Concremat Engenharia, e China Merchants Port, que desde 2018 tem em seu portfólio o Terminal de Contêineres de Paranaguá.

Os investimentos ligados à agricultura chamam atenção por seu baixo valor, de 3% do total, o que contrasta com a grande complementaridade entre os dois países nessa área. Dados do Ministério da Economia cruzados com levantamento do Ministério da Agricultura mostram que a participação de produtos do agronegócio nas exportações para a China saltou de 35% em 2010 para 50% em 2020. Essa crescente dependência trouxe investimentos de empresas como COFCO, Tide Group e LongPing High-Tech, que vão desde a comercialização e fornecimento de produtos agrícolas até a fabricação de químicos para a agroindústria. A China também aumentou a sua presença nesse setor de forma indireta, por meio da compra de grandes multinacionais presentes no Brasil. O principal exemplo desse movimento foi a aquisição, em 2017, da suíça Syngenta pela estatal central ChemChina. A operação de US\$ 43 bilhões foi a maior já realizada pela China no exterior.

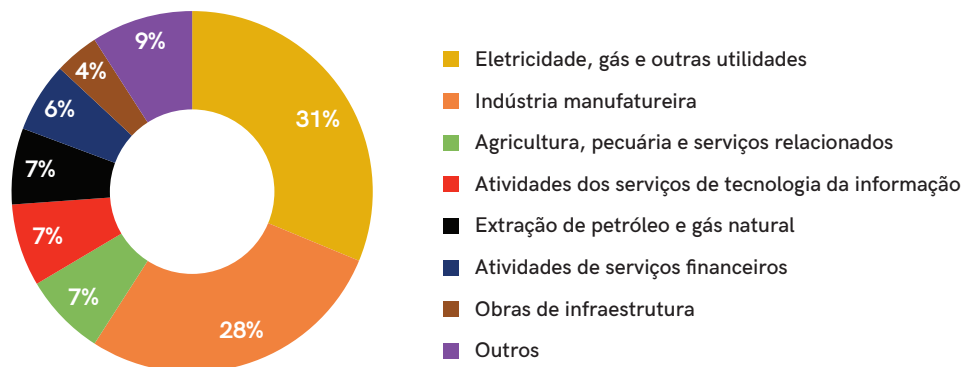


O amadurecimento das relações econômicas bilaterais gerou um interesse crescente do setor financeiro. Ingressaram no mercado brasileiro – de forma direta ou indireta – grandes bancos chineses, como Bank of China, ICBC, Bank of Communications e China Construction Bank

O amadurecimento das relações econômicas bilaterais gerou um interesse crescente do setor financeiro, que gradualmente passou a estabelecer operações no Brasil, contando com 2% do valor dos projetos confirmados. Na primeira década dos anos 2000, a presença de bancos chineses era ainda incipiente, contando basicamente com o Bank of China, que havia criado um escritório de representação em 1998, pioneiro na presença dessas instituições na América do Sul. Anos depois, em 2009, estabeleceu-se como Banco da China Brasil S.A., o primeiro banco chinês a ingressar efetivamente em território nacional. A partir de 2012, outros bancos chineses começaram a se estabelecer no país. Cabe citar a entrada direta do Industrial and Commercial Bank of China (ICBC) e as aquisições realizadas pelo Bank of Communications (BOCOM), que comprou parte do Banco BBM, e pelo China Construction Bank (CCB), que assumiu o controle do Bicbanco. Aquisições de bancos estrangeiros em atividade no Brasil também permitiram o ingresso chinês no setor, como no caso da compra do português Banco Espírito Santo de Investimento (BESI) pelo Haitong, que de forma indireta obteve as operações do BESI Brasil.

GRÁFICO 7

DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL, 2007 - 2020 (NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Uma análise baseada no número de projetos mostra que, ainda que os investimentos em eletricidade continuem sendo os mais relevantes, com cerca de um terço dos projetos confirmados, há um aumento considerável da participação da indústria manufatureira, que fica em segundo lugar, com 28%.

Sob essa ótica, aumentam também as participações de outros setores. Os projetos em tecnologia da informação passam a representar 7% do total, por conta de sucessivos aportes de empresas como a Didi Chuxing, que adquiriu o controle da brasileira 99, e a Tencent, que investiu na *fintech* Nubank. Os segmentos de agricultura e serviços financeiros, da mesma forma, têm suas fatias aumentadas para 7% e 6%, respectivamente.

Empresas como Tencent e Didi Chuxing ingressaram na área de tecnologia da informação no Brasil, **que responde por 7% do número de projetos chineses no país**

Análise geográfica: a dispersão dos investimentos chineses pelo Brasil

Em pouco mais de uma década, **contando projetos anunciados e confirmados**, empresas chinesas já prospectaram investimentos ou de fato aportaram capital em todas as regiões do Brasil. O Sudeste atraiu 138 projetos, direcionados sobretudo a São Paulo. Em segundo lugar, o Nordeste atraiu 50 empreendimentos, sendo seguido pelo Centro-Oeste, com 32, e pelas regiões Sul e Norte, com 28 e 23 projetos, respectivamente⁶.

GRÁFICO 8

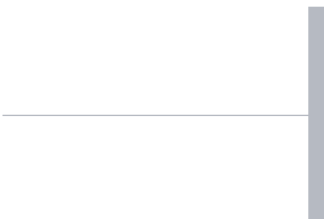
INVESTIMENTOS CHINESES POR REGIÃO DO BRASIL (NÚMERO DE PROJETOS ANUNCIADOS E CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

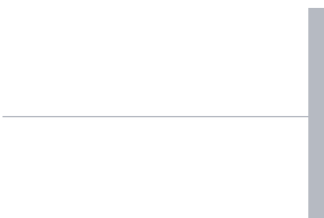
6. A soma dos projetos na análise geográfica supera o valor total do número de projetos na análise setorial pois há empreendimentos de um mesmo investidor que se dão em mais de um estado. Esse caso é frequente, por exemplo, em projetos de transmissão de energia elétrica.

Quando consideramos somente os investimentos confirmados, há presença de empresas chinesas em 23 das 27 unidades federativas do Brasil. O monitoramento do CEBC não identificou projetos apenas em Rondônia, Roraima, Sergipe e Acre. No entanto, cabe ressaltar que não se deve excluir a hipótese de que haja algum tipo de investimento chinês nesses estados. A SPIC, por exemplo, chegou a apresentar uma proposta pela fatia da estatal mineira Cemig na hidrelétrica de Santo Antônio, em Rondônia, segundo reportagem da Reuters (2017).



Todas as regiões do Brasil têm algum tipo de investimento chinês. Quando consideramos somente os aportes confirmados, há presença de empresas chinesas em 23 das 27 unidades federativas do Brasil.

No contexto geral, São Paulo é o centro de gravidade desses investimentos, com parcela de 31% do total. O estado atraiu 75 aportes em praticamente todos os setores em que há participação chinesa, tendo abarcado 38% dos projetos na indústria manufatureira e 69% dos empreendimentos em tecnologia da informação. Como é o estado mais rico, com infraestrutura relativamente superior aos demais e um mercado consumidor mais volumoso, muitas empresas chinesas optaram por iniciar seus projetos em cidades paulistas.

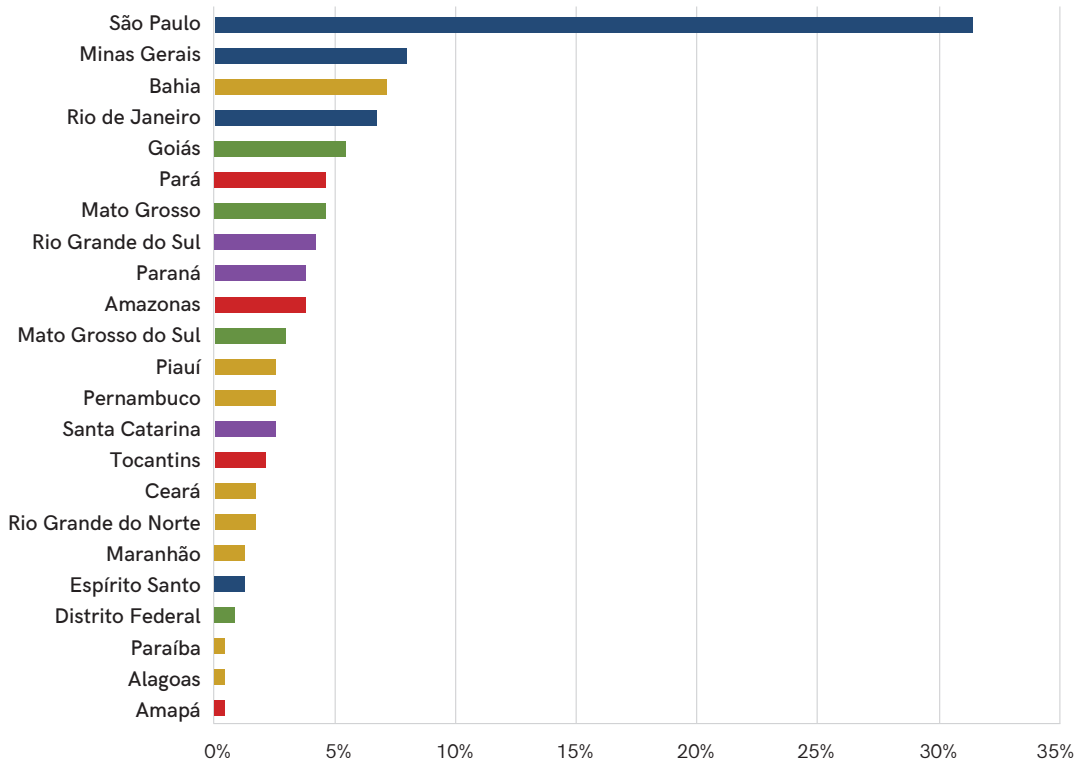


São Paulo é o centro de gravidade dos investimentos chineses no Brasil, com parcela de 31% do total. O estado atraiu 75 aportes em praticamente todos os setores em que há participação do país asiático

Segunda unidade federativa mais relevante, Minas Gerais atraiu 8% dos empreendimentos. Os projetos no estado foram direcionados à mineração – e representam metade dos aportes chineses no setor – e ao setor elétrico, com presença da State Grid e da sino-canadense Canadian Solar. As cidades mineiras também tiveram projetos importantes na área industrial, com a instalação de uma fábrica de máquinas e equipamentos da XCMG em Pouso Alegre e a compra da fabricante de medidores de energia elétrica Nansen pela Sanxing Electric.

GRÁFICO 9

PARTICIPAÇÃO DAS UNIDADES FEDERATIVAS NA ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS CHINESES (NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)

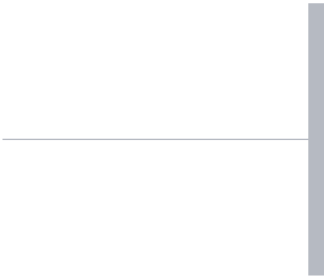


Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Com fatia de 7,1%, a Bahia é o estado que atraiu o maior número de projetos chineses na região Nordeste e o terceiro maior receptor do país, com investimentos concentrados nos setores de extração de petróleo e eletricidade, além de projetos em mineração e na indústria manufatureira. Como exemplo, as empresas Jiangsu Communication Clean Energy Technology e China General Nuclear entraram na área de eletricidade, enquanto a *joint venture* sino-brasileira TEK arrematou dois blocos de exploração de petróleo na bacia do Recôncavo Baiano em leilão da Agência Nacional de Petróleo (ANP), em 2017.

Ainda no Nordeste, Pernambuco registra investimentos em manufaturas e energia, como a aquisição de 30% do grupo brasileiro de distribuição de produtos petrolíferos TT Work pela CNPC. Todos os investimentos confirmados nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará são em energia elétrica. O Maranhão, mesmo com participação de apenas 1,3% no

total dos projetos, tem um quadro mais diversificado, com investimentos em infraestrutura e extração de petróleo, com presença da CCCC e da Sinopec.



Com fatia de 7,1%, a Bahia é o estado que atraiu o maior número de projetos chineses na região Nordeste e o terceiro maior receptor do país, com investimentos concentrados nos setores de extração de petróleo e eletricidade

O Rio de Janeiro recebeu 16 projetos, um a menos do que a Bahia, que representaram 6,7% do total. Conhecido pela abundância de recursos energéticos, o estado atraiu diversas empresas petrolíferas. Instalaram-se em território fluminense alguns dos maiores investidores chineses no Brasil, como Sinopec e Sinochem.

Goiás, com 5,4% do total, tem mais da metade dos projetos concentrada na área de energia, mas conta também com um importante empreendimento da China Molybdenum Company em mineração, com minas de extração de nióbio e fosfatos nos municípios de Catalão e Ourvidor. Também no Centro-Oeste, o Mato Grosso atraiu 4,6% dos projetos chineses, sendo palco de alguns dos mais relevantes investimentos em agricultura e serviços relacionados. A aquisição global da Nidera e da Noble pela COFCO, que passou a deter ativos das tradings que já estavam em operação no estado e no Brasil, é um exemplo bem-sucedido da entrada chinesa no setor agrícola brasileiro.

Na região Norte, com participação de 4,6%, o Pará teve todos os seus 11 projetos na área de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica – mesmo caso do Tocantins, ainda que sua fatia seja de 2,1% do total nacional. Todos os nove projetos no Amazonas estão no setor manufatureiro, incluindo linhas de produção da BYD, focadas em baterias elétricas, e uma fábrica da Gree, de condicionadores de ar residenciais. A estatal chinesa Traxx, montadora de motocicletas, também tem uma fábrica no estado.

Os estados sulistas atraíram projetos nas áreas de energia, infraestrutura e indústria. O Rio Grande Sul teve fatia de 4%, assim como o Paraná, enquanto Santa Catarina teve participação de 2,5%. O setor agrícola também é representativo, tendo em vista a presença da COFCO em toda a região.

Forma de ingresso: aquisições e novos investimentos

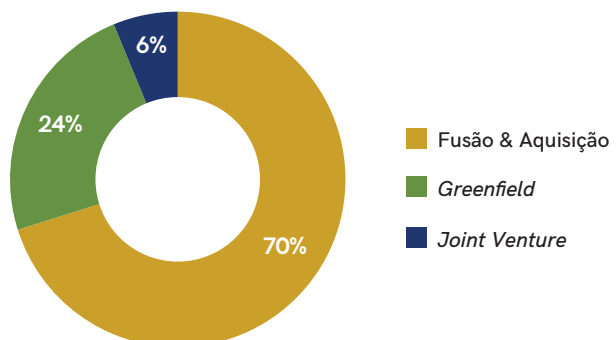
Em termos de estoque, 70% do valor dos investimentos chineses confirmados, ou seja, US\$ 46,3 bilhões, ingressaram no Brasil via fusões e aquisições, por meio da compra total ou parcial de empresas brasileiras ou estrangeiras em operação no país. Desse valor, o setor de eletricidade teve a participação mais relevante, com fatia de 41%, seguido por petróleo e gás, com 36%, e mineração, com 9%.

Os setores de eletricidade e petróleo e gás responderam por **77% do valor das fusões e aquisições chinesas no Brasil**

A participação dos investimentos *greenfield*, nos quais novas operações foram estabelecidas no país, incluindo a construção de fábricas e a expansão de negócios adquiridos, chegou a 24% do valor total. Os projetos via *joint ventures*, que consistem na realização de parcerias e acordos contratuais entre duas ou mais partes com o objetivo de criar uma unidade de negócios no Brasil, responderam por apenas 6% das operações. Nesse tipo de empreendimento, as empresas envolvidas, de origem nacional e internacional, contribuem para os custos de estabelecimento do negócio, assim como dividem os lucros da operação.

GRÁFICO 10

INGRESSO DAS EMPRESAS
CHINESES NO BRASIL,
ESTOQUE ENTRE 2007-2020
(VALOR DE PROJETOS
CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Quando se considera o valor dos investimentos, a liderança dos aportes via fusões e aquisições foi favorecida por condições propícias para a compra desses ativos, como a crise econômica no Brasil, o impacto da operação Lava Jato e a queda relativa dos preços dos ativos nacionais em consequência da desvalorização do real. Para o investidor, esse tipo de entrada pode trazer vantagens como retornos financeiros de curto prazo e a redução de riscos administrativos e de adaptação, por contar com operações já em atividade e sintonizadas com a burocracia local.

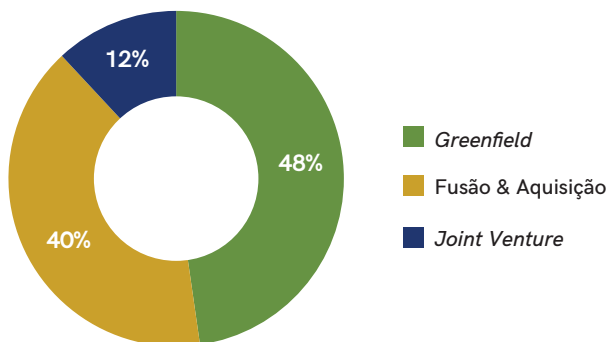
Quando consideramos o **número de projetos confirmados** (e não seu valor), há uma mudança significativa na configuração da entrada dos aportes chineses. Dos 176 empreendimentos, 48% entraram via *greenfield*, enquanto 40% foram realizados por meio de fusões e aquisições e 12% a partir de *joint ventures*. Nesse caso, a liderança de projetos genuinamente novos pode ser interpretada como um ganho mais abrangente para a economia brasileira, dado que comumente a entrada de empresas estrangeiras em negócios que eram inexistentes cria novas redes de conectividade entre diversos setores na cadeia de valor, além de aquecer o mercado de trabalho.

Quando consideramos o número de projetos confirmados, **48% dos investimentos chineses ingressaram no Brasil via greenfield, 40% por meio de fusões e aquisições e 12% a partir de joint ventures**

A Red ALC-China e o Monitor de la OFDI de China en América Latina y el Caribe estimam que 34,5 mil empregos foram criados no Brasil entre 2003 e 2020 por conta da entrada de novos projetos chineses, ao mesmo tempo que as aquisições de ativos já existentes teriam mantido 140,4 mil postos de trabalho no país.

GRÁFICO 11

INGRESSO DAS EMPRESAS CHINESES NO BRASIL, ESTOQUE ENTRE 2007-2020 (NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

A maioria dos projetos *greenfield* foi realizada na indústria manufatureira, que teve fatia de 40%, incluindo empreendimentos na fabricação de veículos automotivos (27%), máquinas e equipamentos (6%), materiais elétricos (5%) e eletrônicos (2%). O setor de eletricidade abarcou 31% dos novos projetos, seguido por extração de petróleo, com fatia de 7%, e pelas áreas de serviços financeiros, tecnologia da informação e telecomunicações, cada uma com participação individual de 5%. Os setores de agricultura e obras de infraestrutura tiveram igualmente fatias de 4%.

Os investimentos das estatais centrais chinesas

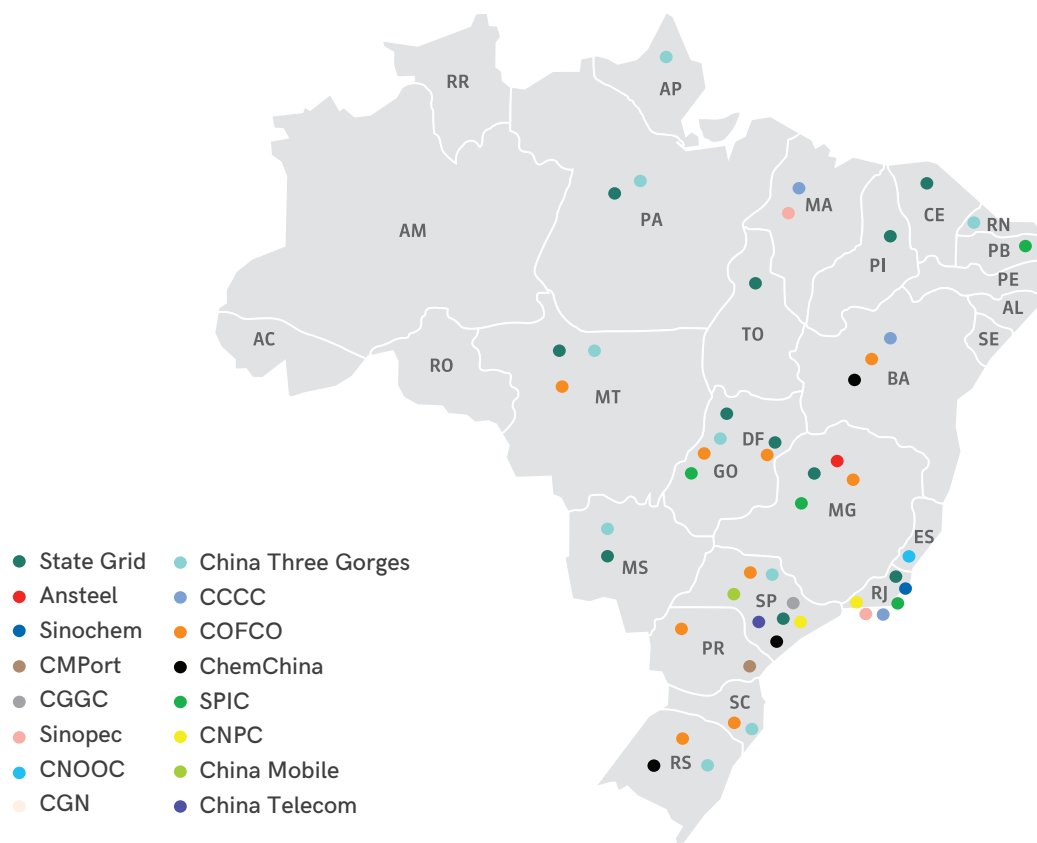
O monitoramento do CEBC identificou 16 estatais centrais chinesas, que são controladas pelo governo nacional da China, com investimentos confirmados no Brasil nas áreas de energia elétrica, infraestrutura, extração de petróleo, mineração e agricultura. Os projetos nesses setores foram realizados pelas empresas Ansteel Group, China Communications Construction Company, ChemChina, China Energy Engineering Group (por meio da subsidiária CGGC), China General Nuclear, China Merchants Group, China Three Gorges, CNOOC, CNPC, COFCO, Sinochem, Sinopec, State Power Investment Corporation e State Grid. Também há escritórios em São Paulo da China Mobile e da China Telecom, que operam na área de telecomunicações.

Há 16 estatais centrais chinesas com investimentos confirmados no Brasil nas áreas de energia elétrica, infraestrutura, extração de petróleo, mineração e agricultura

Essas empresas respondem por 39% do número de todos os projetos chineses confirmados no Brasil. O percentual é mais elevado quando se observa o valor dos empreendimentos, cuja fatia chega a 82% do total do estoque. Essa concentração resulta da alta participação de grandes estatais centrais nos setores de eletricidade e extração de petróleo, que demandam elevados volumes de capital. Juntos, esses dois segmentos dominam os investimentos chineses no Brasil, com 74% do valor aportado entre 2007 e 2020, ainda que o número de projetos seja bem inferior, com fração de 30%. O mapa a seguir mostra a extensão da presença de todas as estatais centrais chinesas no país registradas pelo CEBC.

GRÁFICO 12

PRESENÇA GEOGRÁFICA DAS ESTATAIS CENTRAIS CHINESAS NO BRASIL (2007-2020)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

O CGIT também aponta elevada participação de estatais centrais no valor dos investimentos chineses no Brasil, mas em proporção menor que a identificada pelo CEBC. De acordo com a base de dados, a fatia dessas gigantes chega a 74% – valor inferior aos 82% estimados pelo CEBC⁷, mas ainda assim considerável, se observarmos o contexto global.

Cálculos baseados no CGIT apontam que a fatia das estatais centrais no valor dos investimentos chineses no mundo é de 41%. Na América do Sul, a média é de 72%. Maior receptor de investimentos chineses na região depois do Brasil, o Peru registra uma participação de 85%

7. As divergências entre as duas fontes são causadas porque o CGIT computa apenas investimentos acima de US\$ 100 milhões e tem uma base de dados com um número de projetos 38% menor do que a do CEBC.

das estatais centrais no estoque total. No Chile e na Argentina também há participações relevantes, de 42% e 49%, respectivamente. Nesses países, assim como no Brasil, predominam grandes investimentos de estatais centrais com atividades de exploração de recursos naturais e geração de energia elétrica, que costumam demandar elevada mobilização de capital. Na Austrália, onde a participação dessas empresas chega a 44%, o quadro setorial é semelhante.

Em alguns países onde não há tanta abertura a investimentos em recursos naturais – ou sua escassez –, a presença das estatais centrais costuma ser menor, como no caso dos Estados Unidos e da Alemanha, onde a participação dessas empresas chega a 8%.

É importante ressaltar que a eventual baixa participação de estatais centrais nos investimentos chineses em determinados países não quer dizer, necessariamente, que não haja uma forte presença do Estado chinês, ou que haja preponderância de aportes de empresas privadas. Isso porque existem milhares de empresas estatais na China além das cerca de 100 classificadas como estatais centrais, muitas das quais vinculadas aos governos provinciais ou municipais. Também há outras estatais nacionais que não são listadas na SASAC.

Essas estatais centrais estão sob a jurisdição da Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais da China (SASAC, na sigla em inglês), que conta com cerca de 100 empresas de setores estratégicos para o governo, estando subordinadas ao Conselho de Estado, uma das mais altas instâncias do aparato político do país asiático. Os grandes bancos estatais chineses, mesmo os que estão sob jurisdição do governo central, não fazem parte da Comissão.

As estatais centrais são mantidas sob jurisdição da Comissão de Supervisão e Administração de Ativos Estatais, estando subordinadas ao Conselho de Estado, uma das mais altas instâncias do aparato político chinês

A SASAC é uma organização com *status* de ministério que tem entre suas prerrogativas indicar o quadro de gestão de alto nível das empresas subordinadas, elaborar projetos de lei relacionados às estatais, administrar e auditar seus recursos – o que inclui a aprovação de fusões ou vendas de ações e ativos –, guiar e estimular as reformas de modernização corporativa e garantir que as empresas atuem de acordo com as orientações do Conselho de Estado. Dados da própria SASAC apontam que, até o início de 2018, essas empresas tinham pouco mais de 9 mil filiais distribuídas no exterior, confirmando que, como perceptível no caso brasileiro, são atores indispensáveis no processo de internacionalização da economia chinesa.

O crescimento recente das estatais centrais chinesas é tão visível que 47 delas foram listadas na edição de 2020 da *Fortune Global 500*, que elenca as maiores empresas do mundo pelo critério da receita. Se excluirmos o setor financeiro, houve 94 empresas chinesas – incluindo estatais e privadas – catalogadas, indicando que metade desse total foi composto por estatais centrais. O ano de 2020 também foi marcante pois, pela primeira vez, a China ultrapassou os Estados Unidos na contagem total – incluindo o setor financeiro – com 124 empresas, à frente de 121 americanas. Das 16 estatais centrais presentes no Brasil, apenas China Three Gorges e China General Nuclear não chegaram à lista.

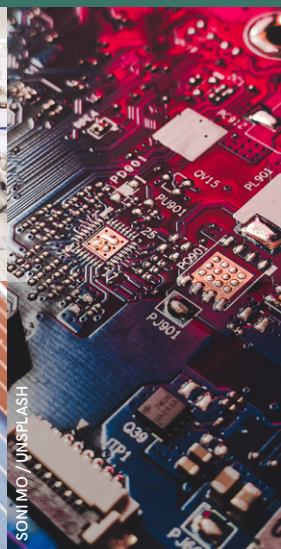
**INVESTIMENTOS
CHINESES NO BRASIL**

HISTÓRICO,
TENDÊNCIAS E
DESAFIOS GLOBAIS

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL EM 2019



ACERVO BYD



SONIMO / UNSPLASH



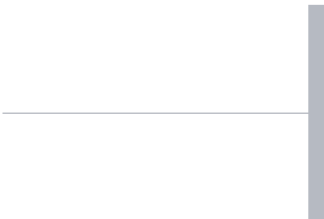
ACERVO BYD

O pragmatismo contra a retórica

Apesar das críticas à China durante a campanha à eleição do presidente Jair Bolsonaro, as ações concretas de sua administração indicaram mais continuidade do que ruptura na relação bilateral. Em maio, cinco meses depois da posse de Bolsonaro, o vice-presidente, Hamilton Mourão, foi a Pequim participar da reunião da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN), o principal mecanismo de diálogo bilateral. O gesto significou a reativação das atividades da COSBAN, que deveria ter encontros a cada dois anos, mas não se reunia desde 2015. A questão dos investimentos foi um dos pontos da agenda, com indicações de que o governo brasileiro apoiava a entrada de novos aportes chineses no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos (GOVERNO DO BRASIL, 2019). Na mesma linha, o ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou que o Brasil não importaria barreiras aos investimentos chineses e declarou que o país estaria aberto a receber projetos no pré-sal e na área de infraestrutura (BULLA; LEOPOLDO, 2019). No final de 2019, houve também visitas oficiais, no Brasil e na China, dos presidentes Bolsonaro e Xi Jinping, o que ajudou a reduzir o mal-estar gerado anteriormente.

No reestabelecimento da COSBAN, em 2019, o tema de investimentos foi mencionado, com indicações de que **o governo brasileiro apoiava a entrada de novos aportes no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos**

Mesmo com altos e baixos na esfera política, os números do CEBC mostram que as relações de investimento não parecem ter sido particularmente afetadas. Ao contrário da queda de 8,2% dos aportes não financeiros da China no mundo de 2018 a 2019, o valor dos investimentos confirmados no Brasil cresceu 117%, tendo somado US\$ 7,3 bilhões — ainda que essa expansão não tenha se registrado apenas no caso chinês. Naquele ano, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) apontou que o investimento externo no Brasil como um todo teve salto de 20%, com soma de US\$ 72 bilhões.

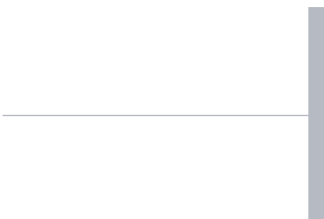


Ao contrário da queda de 8,2% dos aportes não financeiros da China no mundo de 2018 a 2019, **o valor dos investimentos do país no Brasil atingiu US\$ 7,3 bilhões – um crescimento de 117%**

Desses US\$ 7,3 bilhões, 57% foram destinados ao setor de eletricidade, seguido pelas áreas de extração de petróleo e gás, com 23%, e de obras de infraestrutura, que receberam 15% do total.

A perda de diversificação setorial

A despeito do salto em valor, o número de projetos confirmados foi reduzido a 25 em 2019, montante 22% inferior ao de 2018. É pertinente apontar que também houve menor diversidade de setores, com aportes chineses direcionados a sete segmentos, contrastando com os 12 registrados em 2018.

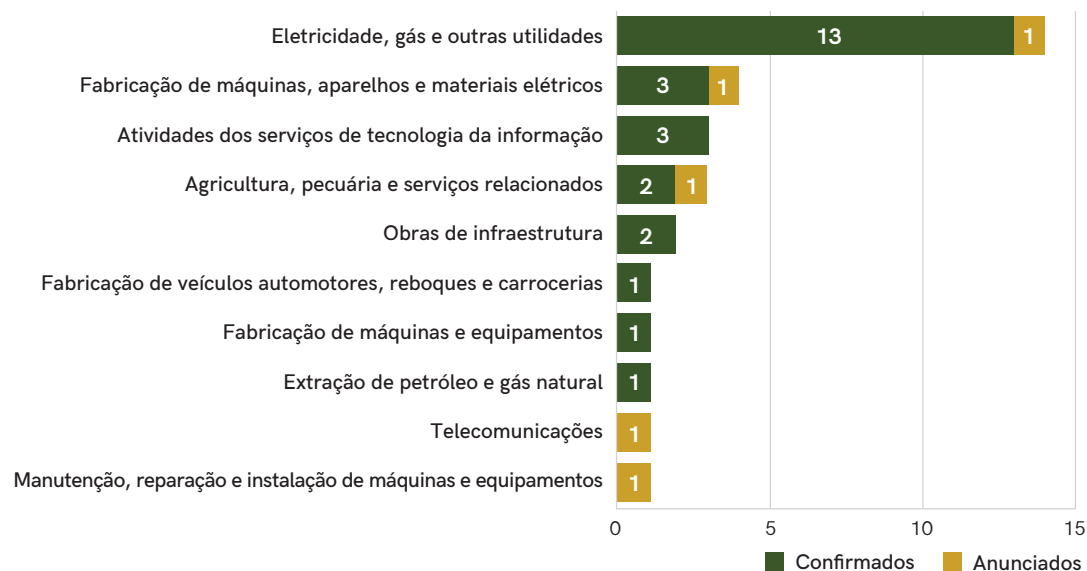


Mesmo com o aumento do valor dos investimentos chineses no Brasil em 2019, **o número de projetos caiu 22% e os aportes se concentraram em sete setores, cinco a menos do que em 2018**

A análise dos 31 projetos anunciados e confirmados mostra que o interesse do investidor chinês foi, mais uma vez, direcionado ao setor de eletricidade, que atraiu 14 empreendimentos, dos quais 13 foram efetivados.

GRÁFICO 13

DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL EM 2019 (NÚMERO DE PROJETOS ANUNCIADOS E CONFIRMADOS)



Em resposta a questionamento do CEBC, a China Three Gorges informou que a empresa investiu R\$ 228 milhões nas hidrelétricas Ilha Solteira e Jupia, com objetivo de modernizar as 34 unidades geradoras das usinas. Outros R\$ 91 milhões foram destinados às hidrelétricas de São Manoel e Jaú e à usina eólica Aventura I. A State Grid também informou que continuou ampliando sua atuação no país, com investimentos de R\$ 1,95 bilhão em um projeto de transmissão de energia nos estados do Pará, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Piauí, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A recém chegada China General Nuclear (CGN) comprou a Atlantic Energias Renováveis, que pertencia à Actis, gestora britânica de fundos de *private equity*. A chinesa assumiu de forma integral os negócios da empresa, que possuía 642 MW em potência instalada por meio de projetos eólicos nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia e Rio Grande do Sul. Em um segundo aporte voltado a energias renováveis, a CGN comprou, por R\$ 2,9 milhões, os parques solares Nova Olinda e Lapa e o parque eólico Cristalândia, no Piauí e na Bahia. Nesses estados, a empresa chinesa ainda arrematou em leilões da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) as usinas solares Aura Caetitê I, II, III e IV, Aura Tanque Novo I, II e III e Aura Queimada Nova I e II.

A Jiangsu Communication Clean Energy Technology (CCETC) adquiriu participação nas Sociedades de Propósito Específico Camaçari Muricy II e Pecém II Energia, em uma operação que inclui recursos para a construção de usinas movidas a óleo diesel. O grupo chinês terá cerca de 50% de participação nas empresas, que tinham como sócios a Petrobras e um fundo de investimento chamado MDC, gerido pela Pacifico Administração de Recursos. Por sua vez, a sino-canadense Canadian Solar arrematou, em leilões da Aneel, as usinas solares Gameleira I, II, III e IV, Luiz Gonzaga II e Jaíba SE1, nos estados de Pernambuco, Ceará e Minas Gerais.

O único projeto aparentemente não concretizado no setor elétrico foi o da State Power Investment Corporation (SPIC), que anunciou intenção de instalar um centro de desenvolvimento e aperfeiçoamento tecnológico e uma fábrica de produtos e insumos para a geração de energia no Rio Grande do Norte.

O segmento de fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos atraiu quatro projetos, sendo o segundo mais relevante, com três empreendimentos confirmados. A BYD fez novos aportes na expansão da fábrica da BYD Energy, em São Paulo, e na implantação da fábrica da BYD Baterias, em Manaus, com investimentos que chegaram a US\$ 17 milhões. A multinacional chinesa Shanghai Aero Auto Electromechanical (HT-SAAE) anunciou investimento de R\$ 15 milhões para a construção de um centro de distribuição de placas solares em Uberaba, Minas Gerais, mas ele não foi efetivado.

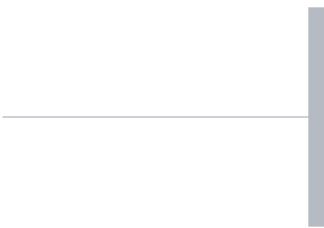
Em terceiro lugar, o setor de agricultura teve dois projetos confirmados: a compra integral da Prentiss Química pelo Tide Group e a aquisição de um frigorífico da Cooperativa Tritícola Getúlio Vargas (Cotrigo), no Rio Grande do Sul, por um grupo de acionistas chineses. Houve também anúncio de que a Minerva Foods, empresa brasileira de alimentos, teria feito uma *joint venture* com a chinesa Joey Foods, com objetivo de importar e distribuir carne suína brasileira na China, mas até o fim de 2019 não havia indícios de que o projeto chegasse a se concretizar.

Com três projetos confirmados, o setor de tecnologia da informação atraiu investimentos das chinesas Tencent, Full Truck Alliance e Dahua Technology

Os três projetos anunciados em serviços de tecnologia da informação foram efetivados. A Tencent, que em 2018 adquiriu parte da *fintech* Nubank, participou de uma nova rodada de investimentos liderada pelo fundo americano TCV, que além da gigante chinesa contou com aportes dos fundos DST Global, Sequoia Capital, Dragoneer, Ribbit e Thrive Capital. A TruckPad, *startup* que conecta caminhoneiros e transportadoras, recebeu um aporte da Full Truck Alliance (FTA), chinesa que atua no mesmo segmento. O investimento incluiu um

acordo de cooperação técnica para trazer novas tecnologias para a parte brasileira. Na área de videomonitoramento, a brasileira Intelbras vendeu 10% de seu capital para a Dahua Technology, tendo como um de seus objetivos impulsionar a inovação e a troca de tecnologia para o desenvolvimento de novos produtos.

Os chineses também ingressaram com aportes em obras de infraestrutura. Em 2019, foi concluída a expansão do Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP), que pertence a China Merchants Port. Com investimentos de R\$ 600 milhões, o cais do terminal passou a contar com 1.099 metros de extensão e 50 metros de largura, retroárea de cerca de 500 mil metros quadrados, além de ter sua capacidade de movimentação ampliada para 2,5 milhões de TEUs/ano. Na Bahia, um consórcio entre China Communications Construction Company (CCCC) e China Railway 20 Bureau Group (CR20) venceu o leilão para construção e operação da ponte entre Salvador e a Ilha de Itaparica. Com potencial de ser um dos maiores projetos da China no Brasil, a ponte terá 12,4 quilômetros de extensão, com parceria público-privada que demandará um valor estimado em R\$ 5,4 bilhões da parte chinesa. O empreendimento é comparável à ponte Rio-Niterói, a maior estrutura do tipo no Hemisfério Sul, que se estende por 13,2 quilômetros (ECOPONTE, 2021).



Na Bahia, um consórcio entre CCCC e CR20 venceu o leilão para construção e operação da ponte entre Salvador e a Ilha de Itaparica, **que tem o potencial de ser um dos maiores projetos chineses no Brasil**

Os setores de petróleo e gás, fabricação de automóveis, fabricação de maquinário, manutenção de máquinas e equipamentos e telecomunicações tiveram um projeto cada, ainda que somente os aportes nos dois primeiros tenham sido efetivados. As estatais centrais CNOOC e CNODC pagaram R\$ 6,81 bilhões por 10% do campo de Búzios, no pré-sal da Bacia de Santos, em consórcio com a Petrobras, que terá 90% da área. A BYD investiu US\$ 49 milhões na ampliação de sua linha de produção de automóveis em São Paulo.

Dentre os investimentos não realizados, a chinesa Flightparts, fabricante de trens de pouso, anunciou a compra dos ativos da TAP M&E, de manutenção de aviões, em Porto Alegre. A Shennong Drones demonstrou intenção de construir uma fábrica em Uberaba, Minas Gerais. O Governo de São Paulo publicou uma matéria em seu portal de notícias sobre a possível implantação de uma fábrica da Huawei no estado, com perspectivas de aportes que poderiam chegar a US\$ 800 milhões. Até a publicação desta pesquisa, nenhum dos anúncios havia saído do papel.

A vez do Nordeste

Em 2019, pela primeira vez, o Nordeste atraiu a maioria dos projetos chineses no Brasil, com 14 empreendimentos. O Sudeste ficou em segundo lugar, com 11 projetos, seguido do Sul, com seis, e pelas regiões Norte e Centro-Oeste, ambas com cinco investimentos cada. O Nordeste também liderou a atração de aportes em termos de valor. Com cerca de US\$ 4 bilhões, somente os investimentos da CCCC e da CR20 na ponte Salvador-Itaparica e as aquisições de usinas de energias renováveis pela CGN responderam por mais da metade de todo o montante investido naquele ano.

GRÁFICO 14

INVESTIMENTOS CHINESES POR REGIÃO DO BRASIL EM 2019 (NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

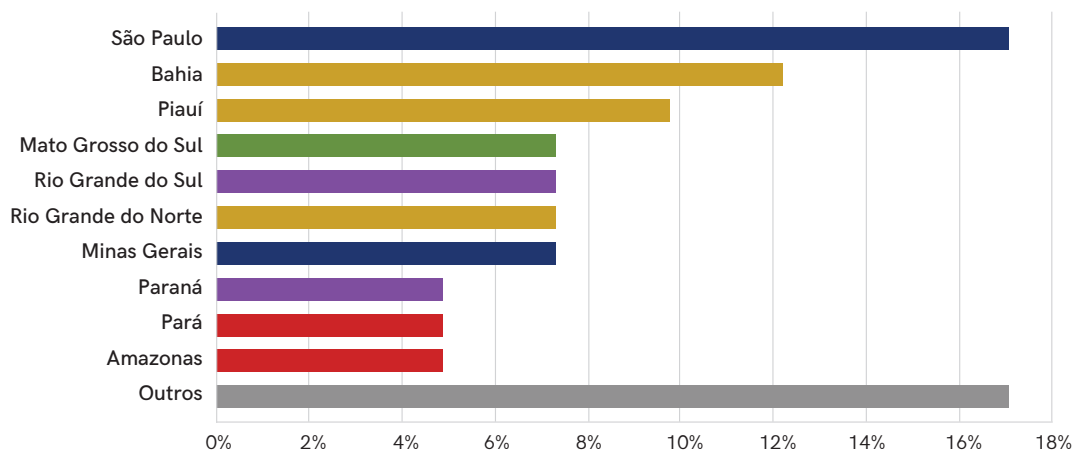
Em parte, esse resultado pode ser entendido como resultado de um trabalho contínuo dos estados do Nordeste para atrair investimentos chineses. A criação do Consórcio Nordeste, em 2019, é um exemplo de esforço coletivo que contribuiu para esse cenário. De fato, alguns dos objetivos listados pela iniciativa (CONSÓRCIO NORDESTE, 2020) estão em consonância com setores nos quais empresas chinesas têm atuado de forma expressiva no exterior, como ampliação e modernização de infraestrutura, exploração de recursos naturais e desenvolvimento sustentável.

A criação do Consórcio Nordeste, em 2019, é um exemplo de esforço coletivo que pode ter contribuído para que mais projetos chineses fossem direcionados à região. **Naquele ano, sete dos nove governadores ou vice-governadores nordestinos fizeram visitas oficiais à China**

É notável que, no mesmo ano, sete dos nove governadores ou vice-governadores da região fizeram visitas oficiais à China, sendo o caso dos representantes de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. Houve também iniciativas envolvendo o setor privado, como uma missão coordenada pelo governo do Maranhão, que enviou 54 empresários locais de diversos setores ao país asiático – a maior viagem do tipo já realizada pelo estado.

GRÁFICO 15

INVESTIMENTOS CHINESES POR UNIDADE FEDERATIVA EM 2019 (NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)



Fonte: CEBEC | Elaboração do autor

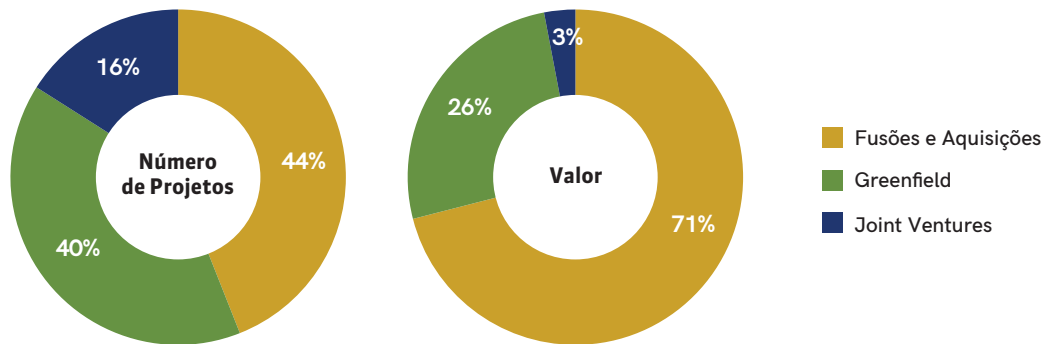
Na análise por unidade federativa, São Paulo atraiu sete projetos, enquanto Bahia e Piauí foram destinos de cinco e quatro empreendimentos, respectivamente. Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte tiveram três aportes cada. Paraná, Pará e Amazonas atraíram dois projetos cada um. Também houve investimentos em Tocantins, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Pernambuco, Mato grosso, Goiás e Ceará, com um projeto em cada estado.

As aquisições e o setor elétrico

A maioria dos investimentos – nas análises por valor e número de projetos – ingressou no Brasil via fusões e aquisições em 2019. Dos 25 aportes confirmados, 11 entraram por meio de compras de ativos já existentes, totalizando US\$ 5,13 bilhões. Houve dez projetos feitos via *greenfield*, com montante de US\$ 1,9 bilhão, e quatro *joint ventures*, que resultam em investimentos de US\$ 230 milhões.

GRÁFICO 16

INGRESSO DAS EMPRESAS CHINESES NO BRASIL EM 2019 (PROJETOS CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Em número de projetos, o setor elétrico foi o que mais teve ativos comprados por empresas chinesas, com pouco mais da metade do total. A China General Nuclear, por exemplo, foi um ator de peso para a concretização desse quadro, com quatro aquisições no Nordeste e Sul do Brasil. Houve também participações das áreas de agricultura, extração de petróleo e tecnologia da informação.

O setor de eletricidade também prevaleceu nos projetos *greenfield*, com fatia de 40%, seguido por empreendimentos em fabricação de materiais elétricos e obras de infraestrutura, cada um com participação de 20%. Os projetos em tecnologia da informação e fabricação de automóveis contribuíram com parcelas iguais de 10%.

**INVESTIMENTOS
CHINESES NO BRASIL**

HISTÓRICO,
TENDÊNCIAS E
DESAFIOS GLOBAIS

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL EM 2020

RUPIXEN/UNSPASH

MIGUEL PADRINÁN/PEXELS

PIXABAY/PEXELS

Uma nova realidade em meio à pandemia

O relativo reequilíbrio que prevaleceu nas relações políticas entre Brasil e China no primeiro ano do governo Bolsonaro foi colocado à prova em 2020. A pandemia de Covid-19 e um ano eleitoral conturbado nos Estados Unidos, com o aprofundamento da animosidade do presidente Donald Trump em relação à China, tiveram impactos também no diálogo entre Brasília e Pequim.

Apesar disso, não é possível afirmar que as tensões na área política tenham afetado as relações econômicas em 2020. No setor comercial, por exemplo, houve um recorde na corrente comercial, que atingiu US\$ 101 bilhões, ainda que essa marca histórica tenha sido alcançada majoritariamente por conta de fatores alheios às relações bilaterais, incluindo conflitos comerciais entre Pequim e concorrentes do Brasil, como Estados Unidos e Austrália, a persistência da peste suína africana na Ásia e a recuperação econômica da China após os primeiros impactos da Covid-19 no país.

A deterioração do ambiente político entre Brasil e China em 2020 não parece ter afetado as relações econômicas bilaterais. A queda de 75% dos investimentos chineses no país foi resultado de uma recessão global que afetou os investimentos externos de forma geral

Na área de investimentos, houve queda de 74% no valor dos aportes chineses confirmados no Brasil, que atingiram US\$ 1,9 bilhão, o menor valor registrado desde 2014. O número de projetos caiu para oito, 68% a menos do que em 2019 – ainda que a soma de aportes totais, incluindo anunciados e confirmados, tenha chegado a 15, ficando na média dos projetos entre 2011 e 2016. Sete dos empreendimentos confirmados foram realizados via *greenfield* e um por meio de *joint venture*. Em termos de valor, praticamente todo o capital injetado se deu por meio de novos projetos.

Esse tombo, no entanto, pode ser interpretado mais como um esfriamento dos fluxos de investimentos globais no exterior, que caíram 35% em 2020 (UNCTAD, 2021), do que por atritos políticos bilaterais. No Brasil, o cenário não foi diferente, com queda de 61,5% dos aportes estrangeiros de forma geral (UNCTAD, 2021) – tendência similar ao declive de 50% apontado pelo Banco Central (2021). Os investimentos não financeiros da China no mundo, segundo o MOFCOM (2021), tiveram redução marginal de 0,4% – ainda que outras fontes

apontem variações negativas mais significativas. A UNCTAD (2021) registrou queda de 2,9%, enquanto o *China Global Investment Tracker* (2021) divulgou um valor 66% menor do que o de 2019.

Apesar desse cenário geral de contração, conforme exposto no estudo Bases para uma Estratégia de Longo Prazo do Brasil para a China (ROSITO, 2020), do Conselho Empresarial Brasil-China, há expectativas de empresários e setores do governo brasileiro em relação à contribuição que os investimentos chineses podem dar para o crescimento da economia nacional nos próximos anos, sobretudo em relação aos aportes em infraestrutura. Mesmo que o investimento público nesse setor – que já vinha em declínio antes da pandemia – tenda a ter novas retrações por conta de um cenário de restrição fiscal, a abundância de liquidez global e as baixas taxas de juros são fatores promissores para o crescimento dos investimentos privados de longo prazo, onde há espaço, por exemplo, para a expansão de modelos de parcerias público-privadas (PPPs).

O ano do setor elétrico

O setor de eletricidade atraiu 97% do valor dos investimentos chineses confirmados em 2020. A State Power Investment Corporation (SPIC) esteve envolvida no desenvolvimento do parque termelétrico do Açú, no estado do Rio de Janeiro, no qual está prevista a construção de quatro usinas térmicas, que somam 6,4 gigawatts de capacidade instalada. A CGN Brasil Energia conquistou, em maio daquele ano, autorização do Ministério de Minas e Energia para implantar sete novas centrais eólicas na Bahia, que formarão o complexo eólico Tanque Novo, localizado entre os municípios de Tanque Novo e Caetité, com investimentos que podem chegar a R\$ 1 bilhão. A State Grid, por meio da subsidiária CPFL Piratininga, investiu mais de R\$ 24 milhões para ampliar a capacidade do sistema elétrico que abastece a cidade de Sorocaba.

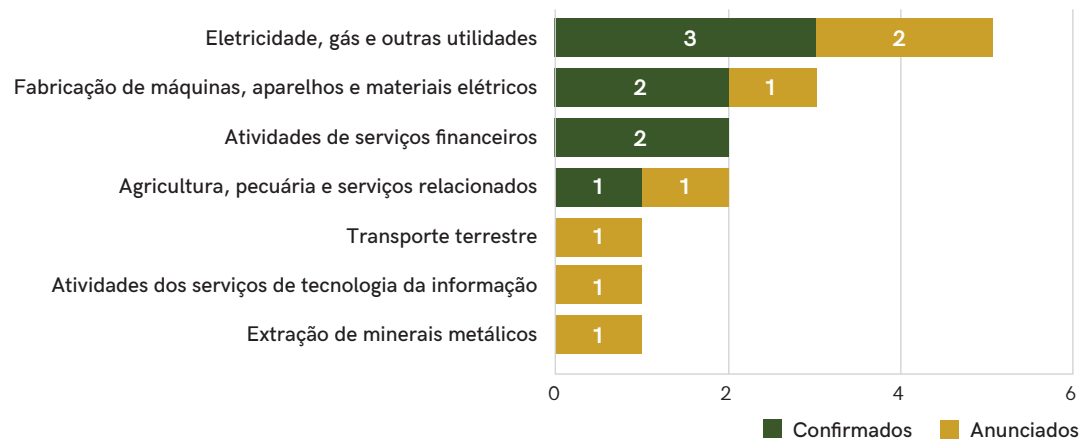
Aportes em eletricidade atraíram 97% do valor dos investimentos chineses em 2020.

Em número de projetos, o setor manteve a liderança, com 38%, seguido por serviços financeiros e fabricação de materiais elétricos, ambos com fatias de 25%

Ao considerar-se o número de projetos confirmados, o setor de eletricidade manteve a liderança, com 38%, seguido pelas áreas de serviços financeiros e fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, cada uma com participação de 25%. O setor agrícola teve participação de 13%.

GRÁFICO 17

DIVISÃO SETORIAL DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL EM 2020 (NÚMERO DE PROJETOS ANUNCIADOS E CONFIRMADOS)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

No setor financeiro, o Bank of China fez uma injeção de capital de R\$ 222 milhões na filial brasileira, com todo o montante originado na controladora chinesa. A XCMG, maior fabricante de maquinário para construção da China, deu um passo além em sua atuação no país ao inaugurar uma operação bancária. Com investimento inicial de R\$ 100 milhões, a nova atividade terá como foco a indústria na qual está inserida e seus próprios negócios, incluindo também os de fornecedores e distribuidores do grupo.

A XCMG, gigante do segmento de maquinário pesado, deu um passo além em sua atuação no país ao **inaugurar uma operação bancária com investimento inicial de R\$ 100 milhões**

Na área agrícola, a FNF Ingredients, empresa especializada na distribuição de vitaminas e aminoácidos para alimentação animal, abriu um escritório em São Paulo. No setor de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, a BYD expandiu sua fábrica de baterias em Manaus, enquanto a TCL efetivou a compra de 40% da Semp TCL, sua *joint venture* com a brasileira Semp, passando a deter 80% do negócio.

Houve também sete projetos que não chegaram a ser efetivados em 2020. De acordo com notícia publicada no portal do governo do Ceará, o estado assinou um memorando de entendimento com a Myngyang Smart Energy para a construção de um complexo eólico em alto-mar e uma fábrica de equipamentos para geração de energia eólica, com foco no *offshore*, no Porto de Pecém. Ainda no Nordeste, a China General Nuclear anunciou investimentos R\$ 444 milhões na expansão do complexo eólico Lagoa do Barro, localizado no Piauí.

Houve interesse também em projetos ambiciosos nas áreas de transportes e mineração. A BYD manteve o anúncio da construção de um *skyrail* em Salvador e a Honbridge Holdings, por meio da subsidiária Sul Americana de Metais, declarou que pretendia construir um complexo de mineração orçado em R\$ 7,9 bilhões, com um mineroduto, duas barragens de rejeitos e dois reservatórios de água em Minas Gerais, mas o projeto foi inviabilizado pela Justiça Federal, que determinou a suspensão dos processos de licenciamento.

A LongPing High-Tech, que adquiriu em 2017 os negócios de sementes de milho da Dow AgroSciences no Brasil, anunciou a construção de uma unidade de processamento de milho e um centro de pesquisas para melhoramento genético no município de Araguari, no Triângulo Mineiro.

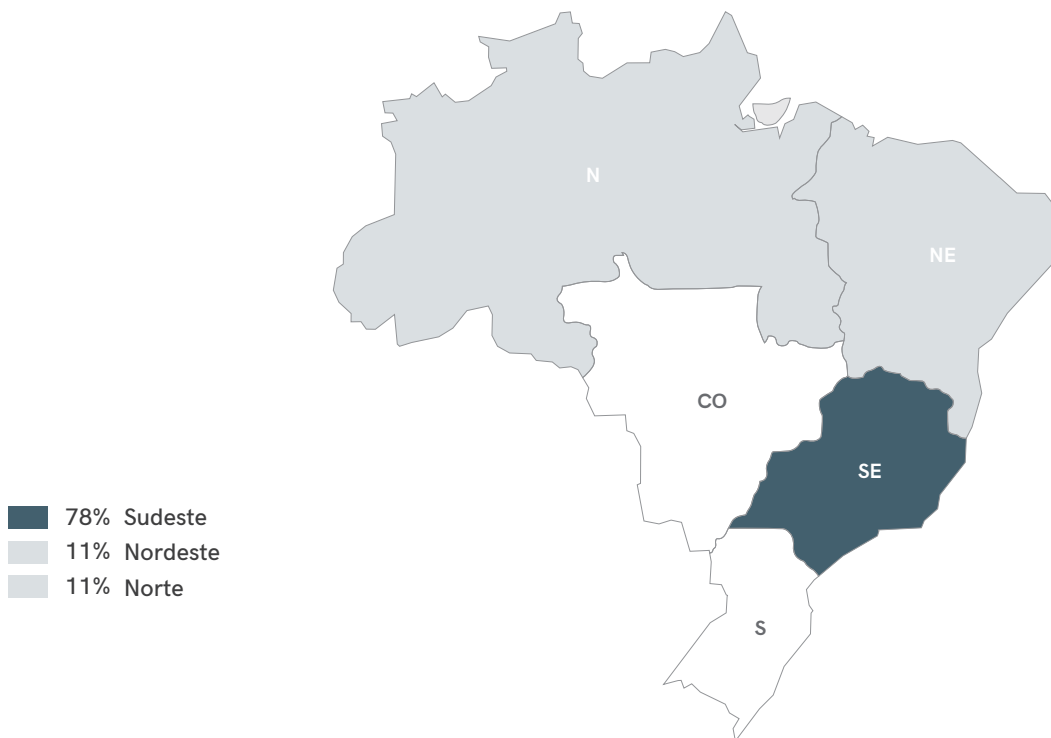
Na área de tecnologia da informação, a ZTE demonstrou interesse em construir uma fábrica em Extrema, Minas Gerais, nas dependências da Multilaser, sua parceira local, para a produção de equipamentos usados por provedores de internet que utilizam fibra óptica. A empresa também anunciou a construção de uma extensão fabril e um laboratório em Manaus, mas não foi possível encontrar indícios de que os projetos tenham saído do papel.

De volta ao Sudeste

A maioria dos projetos chineses em 2020 se concentrou na região Sudeste, que absorveu 78% dos aportes, com cinco deles localizados em São Paulo, um no Rio de Janeiro e um em Minas Gerais. Bahia e Amazonas também atraíram um projeto cada. Os empreendimentos não concretizados foram anunciados em Minas Gerais, Amazonas, Piauí, São Paulo e Ceará.

GRÁFICO 18

INVESTIMENTOS CHINESES POR REGIÃO DO BRASIL EM 2020 (NÚMERO DE PROJETOS CONFIRMADOS)

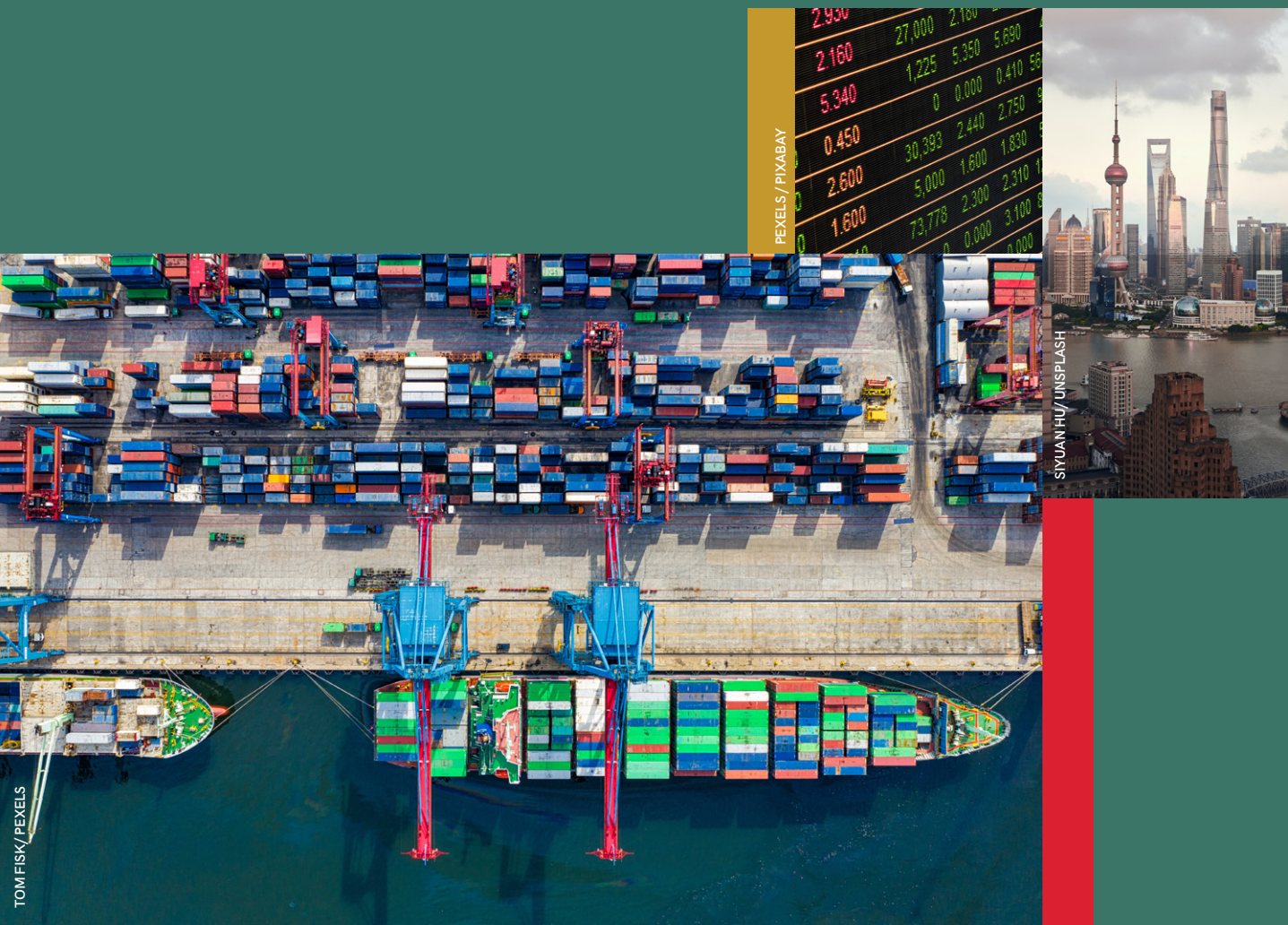


Fonte: CEBC | Elaboração do autor

**INVESTIMENTOS
CHINESES NO BRASIL**

HISTÓRICO,
TENDÊNCIAS E
DESAFIOS GLOBAIS

A EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO MUNDO



SHYUAN HU / UNSPLASH

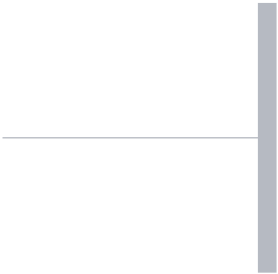
TOMFISK / PEXELS

Desde as reformas implementadas por Deng Xiaoping, iniciadas no fim dos anos 1970, a China passou por um rápido processo de extroversão econômica. Naquele período, grandes multinacionais se dirigiram ao país em busca de mão de obra barata para produzir manufaturados que seriam exportados para todos os continentes. Essa trajetória, que estimulou o desenvolvimento industrial chinês e transformou o país no chão de fábrica do mundo, fez com que o gigante asiático chegasse a abarcar, após vertiginoso crescimento, 10% do valor de todos os aportes estrangeiros investidos no exterior em 2003, totalizando cerca de US\$ 60 bilhões naquele ano (ZHANG, 2005).

Os investimentos da China em outros países, ainda que pouco significativos em termos globais, também começaram a despontar. Ao mesmo tempo que o país se transformava em um grande receptor de aportes com origem externa, o governo chinês iniciava um processo de internacionalização de suas próprias estatais, que gradualmente expandiu a presença dessas empresas em todo o mundo, fazendo com que a média dos investimentos externos do país, na análise anual, aumentasse quase dez vezes entre a década de 1980 e o início dos anos 2000 (ZHANG, 2005).

A extroversão das empresas chinesas

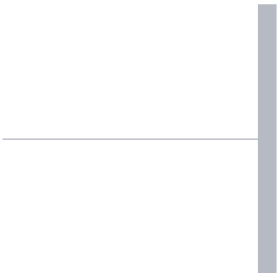
Na virada para o Século XXI, Pequim passou a dar mais ênfase à estratégia de extroversão das empresas chinesas. Em 2001, em paralelo à entrada do país na Organização Mundial do Comércio (OMC), o então primeiro-ministro Zhu Rongji declarou, na Quarta Sessão da Nona Assembleia Popular Nacional (2001), que o governo deveria implementar uma estratégia de “going outside”, encorajando empresas com vantagens comparativas a investir no exterior com objetivo de explorar recursos naturais com parceiros locais, participar de projetos de engenharia e aumentar a presença da mão de obra chinesa em âmbito internacional. A liderança chinesa também buscava criar condições favoráveis para que as empresas nacionais pudessem estabelecer operações no exterior, ao mesmo tempo que reconhecia a necessidade de fortalecer a supervisão sobre esses investimentos de forma a evitar a perda de ativos estatais.



Em 2001, em paralelo à entrada da China na OMC, o então primeiro-ministro Zhu Rongji declarou que o governo deveria implementar uma estratégia de “going outside”, encorajando empresas com vantagens comparativas a investir no exterior

Estimulados pelo governo central, os aportes chineses no exterior seguiram em contínuo crescimento. Entre 2003 e 2015, o valor dos investimentos não financeiros aumentou por 13 anos consecutivos, com média de expansão anual de 33,6%. Gradualmente, as motivações para a saída de capital começaram a se diversificar, passando a focar também na procura por novos mercados consumidores – incluindo o aumento das linhas de produção no exterior e a aquisição de marcas competitivas – e a obtenção de novas tecnologias. Da mesma forma, os investimentos também experimentaram maior diversificação em relação à forma de ingresso em outros países, que se deram via projetos *greenfield*, fusões e aquisições e *joint ventures* (MOFCOM, 2016).

Esse movimento de extroversão ficou ainda mais evidente e relevante a partir da crise financeira internacional de 2008-2009, momento em que o mundo se via às voltas para evitar uma nova depressão econômica. Com Estados Unidos e Europa mais retraídos, a China se firmava como um dos mais importantes atores do sistema internacional, não apenas por ter ascendido à posição de principal parceira comercial de 150 países (PAIVA, 2019), mas também por dar continuidade ao processo de internacionalização de suas empresas.



A partir de 2013, a estratégia de extroversão das empresas chinesa ficaria marcada pela criação da *Belt and Road Initiative*, uma proposta capitaneada por Pequim que busca a ampliação da interconexão global via investimentos, financiamentos e contratos de construção

Posteriormente, a estratégia de extroversão chinesa ficaria marcada pela criação, em 2013, do ambicioso projeto *Belt and Road Initiative* (BRI), também conhecido como a “nova Rota da Seda”, uma proposta capitaneada por Pequim que busca a ampliação da interconexão global via investimentos, financiamentos e contratos de construção em setores que passam por infraestrutura, logística, comunicações, dentre outros. Até janeiro de 2021, cerca de 140 países já haviam assinado memorandos de entendimento para participar da iniciativa, que abarca nações da África Subsaariana, Europa e Ásia Central, Ásia Oriental e Pacífico, Oriente Médio, Norte da África, América Latina e Caribe e Sudeste Asiático (NEDOPIL, 2021).

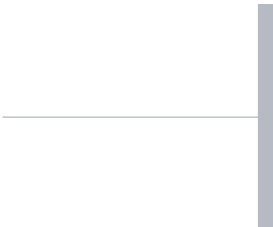
Na sequência de anos de crescimento acelerado, os investimentos não financeiros chineses no exterior bateram um recorde histórico em 2016, com aportes que somaram US\$ 170,11 bilhões, valor 44,1% superior ao verificado no ano anterior, com projetos ligados a 7.961 empresas localizadas em 164 países e regiões. Pela primeira vez, o fluxo de investimentos da China no exterior superou a entrada de aportes de origem externa no país asiático (MOFCOM, 2017).



Na sequência de anos de crescimento acelerado, os investimentos não financeiros da China no exterior **bateram um recorde histórico em 2016, com aportes que somaram US\$ 170 bilhões**

Os desafios globais e a desaceleração dos investimentos externos

O momento de euforia que levou ao pico de investimentos chineses no exterior em 2016 gerou preocupações entre as autoridades do país, que perceberam uma grande fuga de capitais em empreendimentos de risco, os chamados “investimentos irracionais”. Em novembro daquele ano, o governo fortaleceu o escrutínio sobre a saída de recursos nacionais, até que a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC, na sigla em inglês) e outras entidades governamentais formalizaram, em agosto de 2017, um marco regulatório para classificar e aprovar esses investimentos, que foram divididos em três grupos (HUANG; LE, 2018).



O pico de saída de capitais chineses em 2016 gerou preocupações entre as autoridades do país com os chamados “investimentos irracionais”, levando o governo a fortalecer, a partir de 2017, o escrutínio sobre esses aportes

O primeiro deles enquadra as transações encorajadas pelo governo, que incluem negócios estratégicos para o crescimento e desenvolvimento da China, em setores como alta tecnologia, manufaturas de alto valor agregado, pesquisa e desenvolvimento, agricultura, recursos energéticos, comércio, cultura e logística, além de projetos de infraestrutura no âmbito da BRI.

O segundo grupo trata dos investimentos com restrições, que são desencorajados pelo governo por não estarem nas prioridades de desenvolvimento nacional e terem riscos elevados, em áreas como entretenimento, clubes esportivos, hotelaria, indústria audiovisual e setor imobiliário.

Por fim, há o grupo de transações proibidas, que podem prejudicar os interesses do Estado e colocar em risco a segurança nacional, no qual são incluídas atividades como jogos de apostas e afins.

Com efeito, essa medida levou a uma queda dos investimentos chineses no exterior em 2017, a primeira em décadas. Naquele ano, os aportes não financeiros do país tiveram retração de 29,4%, totalizando US\$ 120,1 bilhões. Da mesma forma, o número de empresas estrangeiras com participação chinesa caiu para 6.236, montante 22% menor do que o verificado no ano anterior (MOFCOM, 2018). Pequim ainda pressionou importantes empresas locais a venderem ativos no exterior, reduzindo o rastro de sua presença global. Somado a isso, o governo reduziu a liquidez no sistema financeiro, o que teve impacto na disponibilidade de canais de financiamento a investimentos no exterior (HANEMANN, 2019).

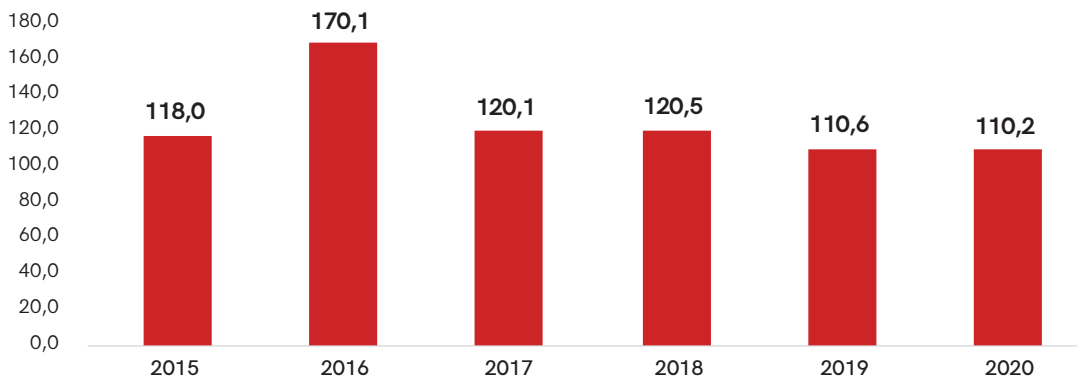
Em 2017, com o maior controle de Pequim sobre a saída de capitais, **os investimentos não financeiros da China no exterior tiveram queda de 29,4%, a primeira retração em décadas**

Nesse contexto, as fusões e aquisições da China ao redor do mundo foram particularmente afetadas. Em 2016, o país realizou 724 operações desse tipo, no valor total de US\$ 107 bilhões. No ano seguinte, o número de empreendimentos diminuiu para 341, com montante de US\$ 96 bilhões, marcando quedas de 53% no total de operações e de 10% nos valores envolvidos. Também houve retração de 33% no número de países e regiões em que a China realizou essas operações, que diminuíram de 73 para 49. Com isso, em janeiro de 2018, após a divulgação dos dados oficiais, o Ministério do Comércio da China declarou que os “investimentos irracionais” haviam sido efetivamente contidos (MOFCOM, 2018).

Após o tombo de 2017, os investimentos chineses no exterior entraram em rota de queda e estagnação. De acordo com dados do MOFCOM, o valor dos aportes não financeiros em 2018 se manteve na faixa dos US\$ 120 bilhões, com crescimento marginal de 0,3%. No ano seguinte, caíram 8,2%, somando US\$ 110 bilhões, valor mantido em 2020, com leve queda de 0,4% (MOFCOM, 2021). Estudo da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento publicado em 2020 aponta tendência similar, indicando que os investimentos chineses no mundo, até 2019, diminuíram pelo terceiro ano consecutivo. Na mesma linha, as fusões e aquisições do país asiático no exterior caíram ao nível mais baixo dos últimos dez anos (UNCTAD, 2020).

GRÁFICO 19

INVESTIMENTOS CHINESES NO EXTERIOR – EXCETO FINANCEIROS (US\$ BILHÕES)



Fonte: MOFCOM | Elaboração do autor

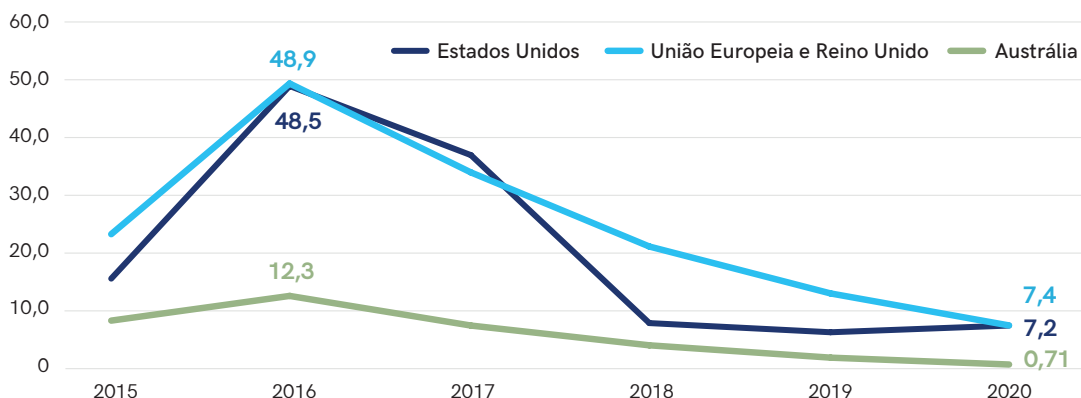
As novas restrições à saída de capitais impostas pelo governo central estimularam a queda dos investimentos chineses no exterior, mas não foram as únicas variáveis que levaram a esse cenário. O conturbado contexto geopolítico global e a pandemia de Covid-19 foram fatores que também exerceram novas pressões contrárias ao processo de extroversão das empresas chinesas.

A restrição à saída de investimentos imposta por Pequim em 2017 não foi a única razão para a queda dos aportes no exterior desde então. **O conturbado contexto geopolítico global e a pandemia de Covid-19 exerceram novas pressões contrárias ao processo de extroversão das empresas chinesas**

A “guerra comercial” entre Estados Unidos e China, iniciada pelo então presidente Trump em 2018, evidenciou uma disputa muito mais abrangente entre as duas potências, incluindo temas como novas tecnologias e a busca por influência no sistema internacional. Na área de investimentos, Washington passou a impor restrições à entrada de empresas chinesas em seu território, comportamento seguido por importantes parceiros econômicos da China, como uma Europa dividida e uma Austrália que vem assistindo a uma escalada de tensões com Pequim.

GRÁFICO 20

INVESTIMENTOS CHINESES EM REGIÕES SELECIONADAS (US\$ BILHÕES)



Fontes: Rhodium Group, MERICS, CHIIA - Australian National University | Elaboração do autor | Nota: para efeitos comparativos, os valores dos investimentos na União Europeia e Reino Unido e Austrália foram calculados pela média dos câmbios €/US\$ e AU\$/US\$ de cada ano.

Dados de diversas instituições confirmam os efeitos negativos dessa tendência. O *Rhodium Group* aponta que os investimentos chineses nos Estados Unidos atingiram seu pico em 2016, com transações equivalentes a US\$ 48,5 bilhões, caindo desde então até 2019, quando somaram US\$ 6,3 bilhões. Em uma quebra pontual desse movimento, esses aportes cresceram 15% em 2020, atingindo US\$ 7,2 bilhões – ainda que o aumento tenha sido reflexo de um número reduzido de aquisições particularmente volumosas, como as compras de parte do *Universal Music Group* pela Tencent, por US\$ 3,3 bilhões, do *General Nutrition Center* (GNC) pelo *Harbin Pharmaceutical Group*, por US\$ 770 milhões, e da *CoinMarketCap* pela *Binance*, por US\$ 400 milhões (HANEMANN, 2021).

Após o pico atingido em 2016, quando os investimentos chineses nos EUA chegaram a US\$ 48,5 bilhões, houve seguidas quedas até 2019, com aportes que somaram US\$ 6,3 bilhões

A situação na Europa não foi diferente. Artigo publicado em parceria entre o *Mercator Institute for China Studies* (MERICS) e o *Rhodium Group* indica quedas contínuas dos investimentos chineses na União Europeia e Reino Unido desde a máxima de US\$ 48,9 bilhões em 2016. Em 2020, esses aportes somaram US\$ 7,4 bilhões, resultado 43% inferior aos US\$ 13,1 bilhões verificados 2019 (KRATZ; et al, 2021). Os investimentos no continente europeu como um todo, segundo dados do CGIT, foram reduzidos, ano após ano, desde 2018, chegando a US\$ 9,8 bilhões em 2020, valor 77% inferior ao dos empreendimentos realizados em 2019.

Os investimentos chineses na União Europeia e Reino Unido têm caído continuamente desde 2016. Em 2020, esses aportes somaram US\$ 7,4 bilhões, resultado 43% inferior aos US\$ 13,1 bilhões verificados em 2019

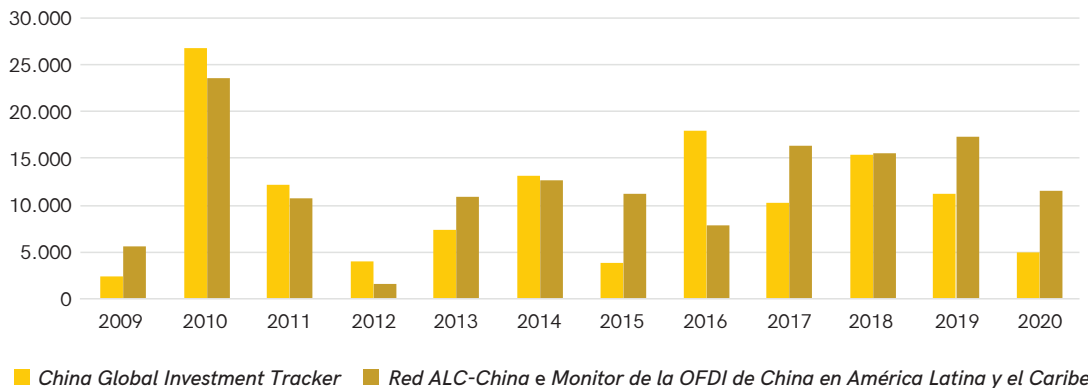
A crescente animosidade política entre Camberra e Pequim também teve efeitos deletérios sobre os investimentos chineses na Austrália. De acordo com o *East Asian Bureau of Economic Research* da *Australian National University* (2021), após quedas sucessivas desde 2017, esses aportes atingiram US\$ 710 milhões em 2020, uma redução de 39% em relação à soma de US\$ 1,84 bilhão verificada em 2019.

A crescente animosidade política entre Camberra e Pequim também teve efeitos deletérios sobre os investimentos chineses na Austrália. **Em 2020, esses aportes caíram 39%, somando US\$ 710 milhões**

Na América Latina e Caribe, fontes distintas mostram que os investimentos chineses têm registrado um fluxo irregular desde o pico atingido em 2010. Os investimentos computados pelo CGIT e pela *Red ALC-China*, apesar de diferenças em relação ao valor do fluxo anual, seguem tendências similares em praticamente todo o período de 2007 a 2015. Entretanto, há divergências nas variações entre 2016 e 2019, conforme indicado no gráfico a seguir. Em 2020, no entanto, as duas fontes registraram quedas nos aportes chineses na região, com redução de 57% de acordo com o CGIT e de 37% segundo a *Red ALC-China*.

GRÁFICO 21

FLUXO DE INVESTIMENTOS CHINESES NA AMÉRICA LATINA E CARIBE (US\$ MILHÕES)



Fonte: CEBC | Elaboração do autor

Os investimentos na *Belt and Road Initiative*, aparentemente, foram uma das exceções à regra. De acordo com dados oficiais chineses, os aportes não financeiros na nova Rota da Seda cresceram 18,3% entre 2019 e 2020, respondendo por 16,2% dos investimentos da China no exterior naquele ano, um aumento de participação de 2,6 pontos percentuais sobre 2019 (MOFCOM, 2021). Os dados surpreenderam a imprensa ocidental, que vinha apostando em uma retração geral da iniciativa.

Por outro lado, fontes alternativas mostram um cenário distinto quando incluídos, além dos investimentos diretos, contratos de construção com participação chinesa, sem que haja necessariamente aporte de capital com origem no país asiático. Sob essa perspectiva, com base nos dados do CGIT, estudo do *think tank Green BRI Center*, sediado na *Central University of Finance and Economics*, em Pequim, indica queda de 54% nesses projetos entre 2019 e 2020 (NEDOPIL, 2021).

Apesar dessas divergências, também há semelhanças entre análises alternativas e o discurso oficial de Pequim. O estudo do Green BRI Center mostra que, no quadro geral, os projetos envolvendo energias renováveis aumentaram sua participação de 38% em 2019 para 57% em 2020, ao mesmo tempo que os aportes em logística foram os únicos que cresceram nesse período.

Essas informações casam com o discurso do Ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, proferido no Fórum da *Belt and Road Initiative* para a Cooperação Internacional, realizado em dezembro de 2020, no qual ele ressaltou justamente que há um desequilíbrio entre oferta e demanda na logística internacional e que a China continuará a fortalecer a cooperação com os membros da iniciativa nessa área. Além disso, o porta voz de Pequim deixou claro que o país pretende manter como prioritários os projetos sustentáveis do ponto de vista ambiental (MFA-PRC, 2020).

Mesmo que os dados sobre a iniciativa eventualmente sejam conflitantes, é fato que o ambicioso programa chinês de interconexão global tem se mostrado mais resiliente do que acreditavam muitos analistas. Como muitas das iniciativas chineses, ele é um projeto em constante processo de adaptação às transformações de um ambiente internacional em transição e ainda sem contornos definidos.

A pandemia e o redirecionamento dos investimentos chineses

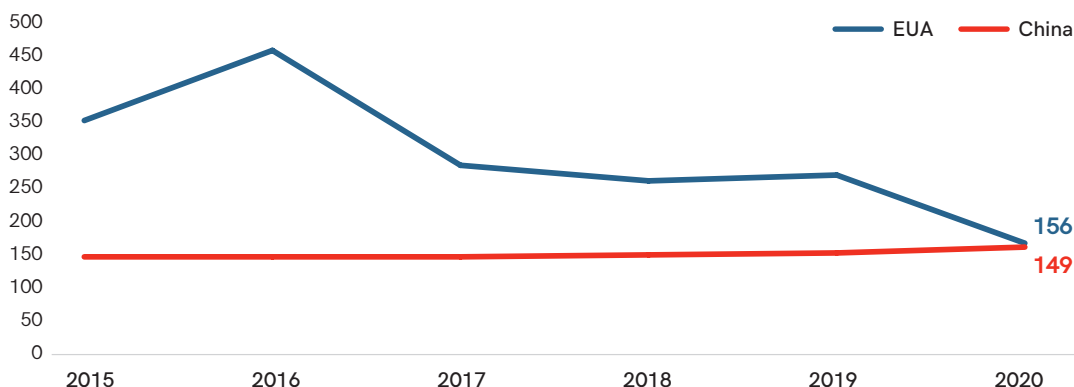
Em contraste com a trajetória de queda de investimentos chineses no exterior desde 2017, os investimentos estrangeiros diretos na China cresceram em anos recentes.

Em pleno ano de pandemia e com queda de 35% dos investimentos externos globais, **os investimentos externos na China continental aumentaram 5,7%, na comparação com 2019, atingindo US\$ 149 bilhões**

Em pleno ano de pandemia e com queda de 35% dos investimentos externos globais, estimados em US\$ 1 trilhão – valor quase 20% menor do que o registrado após a crise financeira internacional em 2009 –, os aportes na China continental aumentaram 5,7% em 2020, atingindo US\$ 149 bilhões. O país asiático se aproximou dos Estados Unidos, que mesmo mantendo a liderança na atratividade de investimentos estrangeiros, com montante de US\$ 156 bilhões, viram o valor dessas transações despencar 40% em seu território. A Região Administrativa Especial de Hong Kong viu um aumento de 61% nesse período, sendo o terceiro maior receptor de investimentos externos globais, subindo duas posições em relação ao *ranking* de 2019 (UNCTAD, 2021).

GRÁFICO 22

INVESTIMENTOS DO MUNDO NA CHINA E NOS ESTADOS UNIDOS (US\$ BILHÕES)



Fonte: UNCTAD | Elaboração do autor

Parte desse sucesso pode ser explicada pela estratégia adotada pelo governo chinês em 2020, que privilegiou o crescimento doméstico como forma de mitigar as pressões econômicas causadas pela pandemia, incluindo rígidos controles sanitários e estímulos à atração de investimentos externos.

Nas “Duas Sessões” de 2020, reuniões simultâneas de alto nível do aparato político chinês em que se estabelecem metas para o ano corrente, o governo central reconheceu a epidemia de Covid-19 como uma das crises mais desafiadoras desde a proclamação da República Popular da China em 1949.

Dando prioridade a áreas estratégicas, como manutenção de empregos, incentivos aos investimentos domésticos e atração de investimentos externos, Pequim anunciou um pacote de estímulos com o intuito de aliviar as pressões enfrentadas por indústrias e negócios afetados pela pandemia, incluindo isenções de impostos, redução de juros, dispensas de contribuições para fundos de assistência social e redução do valor de serviços como eletricidade e internet. Da mesma forma, emitiu títulos do governo direcionados à recuperação econômica por meio do fomento ao consumo e o incremento de novos tipos de infraestrutura, em especial aquelas com alto componente tecnológico, como *data centers* e a expansão da rede 5G (CARIELLO, 2020).

Especificamente com o objetivo de atrair empresas de outros países, o MOFCOM e a NDRC atualizaram duas listas de setores nos quais a participação estrangeira é permitida ou proibida, intensificando um movimento de flexibilização que vem ocorrendo desde 2017. Em comparação com as chamadas “listas negativas” de 2019, as versões que começaram a valer em julho de 2020 reduziram restrições em setores como finanças, infraestrutura, transportes, agricultura, manufatura, produtos farmacêuticos e pesquisa e desenvolvimento (ZHOU, 2020).

A estratégia de “dupla circulação”, na qual os mercados interno e externo devem impulsionar um ao outro, tem entre seus objetivos **desenvolver condições para facilitar a entrada de investimento estrangeiro na China, sobretudo em inovação e setores de alta tecnologia**

As propostas para o 14º Plano Quinquenal, divulgadas no final de 2020, sinalizaram a continuidade dessa tendência. A estratégia de “dupla circulação” anunciada pelo governo, na qual os mercados interno e externo devem impulsionar um ao outro, tem entre seus objetivos estimular a demanda doméstica, aumentar a produtividade para exportação e, simultaneamente, desenvolver condições para facilitar a entrada de investimento estrangeiro, sobretudo em inovação e setores de alta tecnologia (XINHUA, 2020).

Essa política, no entanto, não deve necessariamente fazer com que a China passe por um processo de introversão. Em primeiro lugar, porque isso implicaria retroceder nas ambições globais do presidente Xi Jinping, como a *Belt and Road Initiative*. Em segundo, porque a liderança chinesa tem consciência de que necessita de intercâmbios com o exterior para promover seu desenvolvimento tecnológico. A proposta de complementaridade entre as economias interna e externa tem como propósito, portanto, fazer com que o país esteja menos vulnerável a eventuais choques econômicos internacionais, como os evidenciados recentemente pela pandemia de Covid-19 (HAMILTON, 2020).

Conclusão

Os investimentos chineses no Brasil caíram 74% em 2020, atingindo US\$ 1,9 bilhão – o menor nível registrado deste 2014. Na comparação entre 2019 e 2018, mesmo que o montante investido pelo país asiático tenha crescido 117%, o número de projetos declinou 22% e a quantidade de setores envolvidos foi reduzida de doze para sete.

Esse cenário menos dinâmico não foi um ponto fora da curva dos investimentos globais, mas reflexo de uma conjuntura internacional complexa marcada por fatores como a pandemia de Covid-19 e o recrudescimento do nacionalismo em diversos países, que fizeram com que os investimentos externos no mundo chegassem a US\$ 1 trilhão em 2020, uma queda de 35% em relação ao ano anterior, marcando um valor quase 20% menor do que o registrado após a crise financeira internacional em 2009.

A China, um dos principais atores no fluxo de investimentos internacionais, não passou incólume por esse momento e experimentou queda e estagnação em seus aportes não financeiros no exterior desde 2017. Além dos desafios conjunturais citados acima, o país ainda convive com os efeitos negativos de outros fatores exógenos, como as restrições aos investimentos chineses impostas pelos Estados Unidos e alguns de seus aliados, e fatores endógenos, como a maior austeridade do governo central no processo de internacionalização de suas empresas.

Apesar do esfriamento dos investimentos chineses no Brasil no último biênio, uma análise holística em termos de estoque mostra que sua dinâmica tem contornos mais abrangentes e um horizonte de longo prazo. Ainda que 48% dos US\$ 66,1 bilhões investidos entre 2007 e 2020 estejam concentrados na área de eletricidade, há projetos em vários setores que não são plenamente visíveis ao se observar apenas as grandes cifras envolvidas.

As exportações de *commodities* do Brasil para a China, que cresceram exponencialmente nos últimos vinte anos, favoreceram a vinda de grandes investimentos em mineração, extração de petróleo e agricultura. Da mesma forma, houve projetos em infraestrutura portuária e logística e a entrada de diversas marcas chinesas na indústria manufatureira, além de projetos bem-sucedidos em tecnologia da informação e a consolidação da presença de alguns dos maiores bancos chineses no Brasil.

Cabe notar que o Estado chinês, por meio de suas estatais centrais, é o maior investidor dentre as empresas do país que ingressaram no Brasil, com 82% do valor de todos os aportes confirmados até 2020. Há pelo menos 16 dessas gigantes atuando em território nacional em áreas estratégicas para Pequim, incluindo energia elétrica, infraestrutura, extração de petróleo, mineração e agricultura, que naturalmente estarão entre as prioridades das relações econômicas bilaterais por muitos anos.

Nesse período, os investimentos chineses também aqueceram a economia brasileira, na medida em que 48% dos projetos foram realizados por meio de projetos *greenfield*. Em termos de valor, mesmo que 70% do total investido tenha ingressado no país por meio de fusões e aquisições, deve-se ter em mente que alguns desses empreendimentos propiciaram a posterior modernização de ativos já existentes. Alguns projetos também têm longo período de maturação, com possibilidade de contratação de serviços e compra de materiais de fornecedores locais, atração de novas rodadas de investimentos e geração e manutenção de empregos.

Esses investimentos tampouco se limitaram aos grandes centros urbanos, fato perceptível quando se nota que, em pouco mais de dez anos, empresas chinesas de diversos setores ingressaram em todas as regiões do país. Mesmo que o estado de São Paulo seja o centro de gravidade desses projetos, com parcela de 31% do total, há presença confirmada de investimentos chineses em ao menos 23 das 27 unidades federativas do Brasil.

Apesar de eventuais altos e baixos em termos numéricos, os investimentos chineses no Brasil têm muito a oferecer a qualquer projeto de desenvolvimento nacional. A China dispõe de incontestável experiência em projetos de construção civil e indústria, que por décadas estiveram entre os principais motores de sua economia. Parcerias nessas áreas poderiam contribuir para a diminuição dos gargalos de infraestrutura que emperram o crescimento brasileiro.

O setor de eletricidade, no qual as empresas chinesas já estão bem estabelecidas, continuará a ser um importante eixo de atuação no Brasil. As áreas portuária, de transporte e logística, que já têm projetos em andamento, poderiam ser mais bem exploradas com a atração de novos investimentos, dado o grande potencial de atuação do lado chinês e a urgência brasileira em implementar projetos nesses setores.

Na mesma linha, existem oportunidades de inovação da agenda bilateral que poderiam se beneficiar do crescente avanço da China nas novas fronteiras da tecnologia da informação. A entrada de investimentos chineses nessa área ainda é um fenômeno recente e restrito a um número relativamente baixo de atores, mas que oferece um grande potencial para projetos ligados a temas como inteligência artificial, economia digital, internet das coisas, redes 5G, cidades inteligentes, dentre outros.

Metodologia revisada

Este estudo foi elaborado com base em uma versão revisada da lista de investimentos chineses no Brasil compilada pelo CEBC desde 2010, majoritariamente composta por investigações próprias baseadas em notícias veiculadas na imprensa, sites de empresas, portais de governos municipais e estaduais, além de informações fornecidas diretamente por representantes de empresas chinesas. Também foram adicionados dados de fontes alternativas sobre o tema, que incluem a Boston University, PwC, *China Global Investment Tracker* e fontes confidenciais.

Alguns investimentos da lista do CEBC passaram por um processo de reavaliação, no qual foram removidos por apresentarem inconsistências, o que explica alterações nos fluxos de investimentos publicados em edições anteriores desta pesquisa. Somado a isso, toda a parte setorial foi padronizada com base na *Classificação Nacional de Atividades Econômicas* (CNAE).

As análises incluem investimentos “anunciados” (que não foram colocados em prática, mas que podem se concretizar futuramente) e investimentos “confirmados” (que supostamente estão em operação). Cabe ressaltar que o CEBC não pode garantir que todos os investimentos apresentados como “confirmados” tenham de fato sido colocados em prática. A equipe do Conselho faz um esforço de verificação em contatos diretos com as empresas chinesas no Brasil ou seus parceiros locais, mas nem sempre é possível obter informações com as fontes primárias. Em alguns casos, os investimentos ditos “confirmados” são assim considerados por serem apresentados dessa forma em websites institucionais das empresas, outros estudos ou bases de dados alternativas. São consideradas também análises por valor de projetos e por número de projetos como forma de apresentar diferentes perspectivas sobre o montante geral dos investimentos, levando em conta que algumas empresas não tornam públicos os valores de suas operações. Por uma questão de padronização, o valor da soma dos projetos nos montantes anuais e no estoque são calculados em dólares (US\$). Caso a fonte forneça o valor em reais ou outra moeda, a conversão é feita de acordo com a média do câmbio do ano em análise.

Os investimentos chineses no exterior apresentados no estudo têm uma ampla variedade de fontes, com informações oficiais do Ministério do Comércio da China (MOFCOM) e das instituições *Rhodium Group*, *Mercator Institute for China Studies* (MERICS), *East Asian Bureau of Economic Research - Australian National University*, Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), *Red ALC-China*, *Monitor de la OFDI de China en*

América Latina y el Caribe, e *American Enterprise Institute* e *Heritage Foundation*, gestores da base de dados *China Global Investment Tracker*. Essas fontes cumprem seu papel nesta pesquisa como forma de apresentar tendências, uma vez que em alguns casos há diferenças metodológicas entre as mesmas.

Tendo em vista que não há um monitoramento suficientemente abrangente que garanta uma base de dados completa dos investimentos chineses no Brasil, seja por parte do CEBC, do Estado brasileiro ou de outras instituições, é importante mencionar que as informações aqui divulgadas são uma amostra geral e em constante atualização.

Referências bibliográficas

A ECOPONTE: Ponte Rio-Niterói. *In*: **EcoPONTE**. Disponível em: <https://www.ecoponte.com.br/institucional/a-ecoponte>. Acesso em: 2 jun. 2021.

A EMPRESA: CTG Brasil. *In*: **CTG Brasil**. Disponível em: <https://www.ctgbr.com.br/a-empresa>. Acesso em 04 jun. 2021.

ARCESATI, Rebecca; et al. Chinese FDI in Europe: 2019 Updates. **Mercator Institute for China Studies; Rhodium Group**, Abril 2020. Disponível em: <https://merics.org/sites/default/files/2020-05/MERICSRhodium%20GroupCOFDIUpdate2020.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BARBOSA, Pedro Henrique. New Kids on The Block: China's Arrival in Brazil's Electric Sector. **Global Development Policy Center**. Boston, 2021. Disponível em: <https://www.bu.edu/gdp/2021/01/25/new-kids-on-the-block-chinas-arrival-in-brazils-electric-sector/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BARBOSA, Pedro Henrique; RAY, Rebecca. China-Latin American Economic Bulletin: 2020 Edition. **Global Development Policy Center**. Boston, 2020. Disponível em: https://www.bu.edu/gdp/files/2020/03/GCI-Bulletin_2020.pdf. Acesso em: 29 abr. 2021.

BRASIL. Secretaria Executiva da CAMEX. **Boletim de Investimentos Estrangeiros** - Países Selecionados, nº 3, ano 03, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletim-de-investimentos-estrangeiros/arquivos/boletim-de-investimentos-estrangeiros-2013-paises-selecionados-3o-trimestre-de-2019>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BULLA, Beatriz; LEOPOLDO, Ricardo. Brasil aceitará dinheiro chinês, diz ministro Paulo Guedes nos EUA: Ministro 'convidou' americanos a investirem em infraestrutura no País, mas disse que governo continuará aberto a recursos da China. **Estado de São Paulo**, Washington, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-aceitara-dinheiro-chines-diz-guedes-nos-eua,70002760277>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CARIELLO, Tulio. Crescimento econômico qualitativo, inovação e meio ambiente estarão no centro do desenvolvimento chinês entre 2021 e 2025. **Conselho Empresarial Brasil - China**. CEBC Alerta, ed. 137, mar. 2021. Disponível em: https://mcusercontent.com/2c61aa6bcb45643f58ef550bb/files/a96af06e-0ebc-46f7-a768-d2e79490631e/1d137_fyp.01.pdf. Acesso em: 29 abr. 2021.

CHINA Focus: Understanding "dual circulation" and what it means for world. **XinhuaNet**, Pequim, 9 set. 2020. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/english/2020-09/05/c_139345700.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

EAST ASIAN BUREAU OF ECONOMIC RESEARCH. 2014-2020 equity data summary. *In*: **Chinese Investment in Australia** (CHIIA) Database, 2020. Disponível em: <https://chiia.eaber.org/data/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ECONOMIC AND TRADE SERVICE OF THE CONSULATE GENERAL OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN WILLEMSTAD. China's outbound investment cooperation in 2020. **MOFCOM**, Janeiro 2021. Disponível em: <http://wi2.mofcom.gov.cn/article/chinanews/202101/20210103035435.shtml>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FERREIRA, Guilherme; LINS, Clarissa; PAIVA, Marcos. Brasil-China: o estado da relação, Belt and Road e lições para o futuro. **Centro Brasileiro de Relações Internacionais**, 2019. Disponível em: https://www.cebri.org/media/documentos/arquivos/1-Paper_Brasil-China_Port_DIGI.pdf. Acesso em: 29 abr. 2021.

FORTUNE. Fortune Global 500: China. Disponível em: https://fortune.com/global500/2020/search/?fg500_country=China. Acesso em: 10 mar. 2021.

GOVERNO DO BRASIL. Banco Central do Brasil. Tabelas Especiais: Investimento estrangeiro direto - matriz país x setor. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/tabelasespeciais>. Acesso em: 29 abr. 2021.

HAMILTON, Gilliam. Understanding dual circulation. **Gavekal Dragonomics**, agosto, 2020. Disponível em: <https://research.gavekal.com/article/understanding-dual-circulation>. Acesso em: 29 abr. 2021.

HANEMANN, Thilo; et al. Two-Way Street: 2021 Update US-China Investment Trends. **US-China Investment Project**, Nova Iorque, Maio 2021. Disponível em: https://rhg.com/wp-content/uploads/2021/05/RHG_TWS-2021_Full-Report_Final.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

HUANG, Betty; XIA, Le. ODI from the Middle Kingdom: What's next after the big turnaround? China Economic Watch, **BBVA**, Fevereiro 2018. Disponível em: https://www.bbvaresearch.com/wp-content/uploads/2018/02/201802_ChinaWatch_China-Outward-Investment_EDI.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

KRATZ, Agatha; ZENGLEIN, Max; SEBASTIAN, Gregor. Chinese FDI in Europe 2020 Update: Investment falls to 10-year low in an economically and politically challenging year. **Rhodium Group; Mercator Institute for China Studies (MERICS)**, Junho 2021. Disponível em: <https://rhg.com/wp-content/uploads/2021/06/MERICSRhodium-GroupCOFDIUpdate2021.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LATHAM & WATKINS. China Issues Formal Guidance for Outbound Direct Investments. Client Alert Commentary, n. 2204, Fevereiro 2017. Disponível em: <https://www.lw.com/thoughtLeadership/LW-China-Issues-Formal-Guidance-for-Outbound-Direct-Investments>. Acesso em: 10 mar. 2021.

LEITE, Sergio. O Consórcio. In: CONSÓRCIO NORDESTE. O Consórcio: Principais Objetivos. Salvador, 11 jun. 2020. Disponível em: <http://www.consorcionordeste-ne.com.br/o-consorcio/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Ata da Quinta Reunião Plenária da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/media/ata-v-reuniao-cosban-portugues.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MINISTRY OF COMMERCE, PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. MOFCOM Department Official of Outward Investment and Economic Cooperation Comments on China's Outward Investment and Cooperation in 2016. Disponível em: <http://english.mofcom.gov.cn/article/newsrelease/policyreleasing/201701/20170102503092.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2021.

_____. Regular Press Conference of MOFCOM (January 21, 2021). Disponível em: <http://english.mofcom.gov.cn/article/newsrelease/press/202101/20210103034674.shtml>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Opening Speech by State Councilor Wang Yi At the Meeting of the Advisory Council of The Belt and Road Forum for International Cooperation, 2020. Dezembro, 2020. Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/zxxx_662805/t1841513.shtml. Acesso em: 10 mar. 2021.

NEDOPIIL Wang, Christoph. China's Investments in the Belt and Road Initiative (BRI) in 2020. **Green BRI Center**, International Institute of Green Finance (IIGF), Pequim, jan. 2021. Disponível em: <https://green-bri.org/wp-content/uploads/2021/01/China-BRI-Investment-Report-2020.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

PREMIER OF THE STATE COUNCIL. Report on the Outline of the Tenth Five-Year Plan for National Economic and Social Development (2001). Disponível em: http://www.npc.gov.cn/zgrdw/englishnpc/Special_11_5/2010-03/03/content_1690620.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

RED ALC-CHINA. Cuadros estadísticos de la OFDI de China. Brasil: OFDI china a nivel de empresa (2000-2020). Disponível em: <http://www.redalc-china.org/monitor/informacion-por-pais/busqueda-por-pais/29-brasil>. Acesso em: 29 abr. 2021.

REUTERS. Elétrica chinesa Spic conclui compra da Pacific Hydro Brasil e mira expansão. **G1**, 13 ago. 2017. Economia, p. 1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/eletrica-chinesa-spic-conclui-comprada-pacific-hydro-brasil-e-mira-expansao.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RHODIUM GROUP; THE NATIONAL COMMITTEE ON U.S.-CHINA RELATIONS. **The US-China Investment Hub**, 2020. Disponível em: <https://www.us-china-investment.org/fdi-data>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ROSITO, Tatiana. Bases para uma estratégia de longo prazo do Brasil para a China. **Conselho Empresarial Brasil-China**, out. 2020. Disponível em: <https://www.cebc.org.br/2020/11/26/bases-para-uma-estrategia-de-longo-prazo-do-brasil-para-a-china/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SCISSORS, Derek. China's Coming Global Investment Recovery: How Far will it go?. **American Enterprise Institute**, Washington, jan. 2020. Disponível em: <https://www.aei.org/wp-content/uploads/2021/01/China%E2%80%99s-Coming-Global-Investment-Recovery.pdf?x91208>. Acesso em: 29 abr. 2021.

_____. China's global investment vanishes under COVID-19. **American Enterprise Institute**, Washington, jul. 2020. Disponível em: <https://www.aei.org/wp-content/uploads/2020/07/Chinas-Global-Investment-Vanishes-Under-COVID-19.pdf?x91208>. Acesso em: 29. abr. 2021.

STATE COUNCIL. Report on the work of the Government. Disponível em: http://english.www.gov.cn/premier/news/202005/30/content_WS5ed197f3c6d0b3f0e94990da.html. Acesso em: 10 mar. 2021.

STATE-OWNED ASSETS SUPERVISION AND ADMINISTRATION COMMISSION OF THE STATE COUNCIL. What we do, 2017. Disponível em: http://en.sasac.gov.cn/2018/07/17/c_7.htm. Acesso em: 10 mar. 2021.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **World Investment Report 2019**: Special Economic Zones. Genebra, 2019. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/wir2019_en.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

_____. **World Investment Report 2020:** International Production Beyond the Pandemic. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/wir2020_en.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

_____. **World Investment Report 2021:** Investing in Sustainable Recovery. junho, 2021. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/wir2021_en.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

ZHOU, Qian. China's 2020 New Negative Lists Signal Further Opening-Up. **China Briefing**, Jul 2020. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/chinas-2020-new-negative-lists-signals-further-opening-up/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ZHANG, Yongjin. **China goes Global**. The Foreign Policy Centre, Londres, 2005. Disponível em: <https://www.fpc.org.uk/wp-content/uploads/2006/09/449.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ASSOCIADOS DA SEÇÃO BRASILEIRA DO CIBC



© 2021 Conselho Empresarial Brasil-China.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão por escrito do CEBC.

Para mais informações:

CEBC - Seção Brasileira

Rua Araújo Porto Alegre, nº 36 / sala 1202

Rio de Janeiro - RJ | CEP 20030.902

Tel.: +55 21 3212-4350

cebc@cebc.org.br

www.cebc.org.br

Projeto gráfico: Presto Design

Fotos: Unsplash / Pexels

Henrique Manreza / CTG (pág. 11)

Acervo BYD (pág. 34)



Rua Araújo Porto Alegre, 36 / sala 1202
Centro - Rio de Janeiro - RJ - 20030-902

+55 21 3212-4350
cebc@cebc.org.br

www.cebc.org.br

